



# **No (um) ritmo humano**

Rosana Grecchi



Pós-Graduação Latu Sensu

**CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO**

Turma 5: 2023/2024

# **No (um) ritmo humano**

Rosana Grecchi

Concepção e Coordenação da Pós-Graduação:  
Profa. Dra. Honoris Causa Edith Derdyk

Assistente de Coordenação:  
Profa. Ma. Bárbara Melo

Direção Geral d'A CASA TOMBADA:  
Profa. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira  
Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

## **RESUMO**

Este relato emerge das vivências e práticas durante a Pós-graduação “Caminhada como Método para Arte e Educação”, sintetizando reflexões, conceitos e aprendizados elaborados ao longo deste percurso. Consiste em uma investigação sobre a experiência do caminhar por meio de vários tipos de registros (fotografias, registro dos caminhos, cartografias, mapas mentais) que levou a reflexões sobre o ritmo próprio do caminhar e de como ele favoreceria maior conexão sensível com o mundo ao redor.

**Palavras-chave:** caminhar. cartografias. ritmo humano. imaginar futuros.

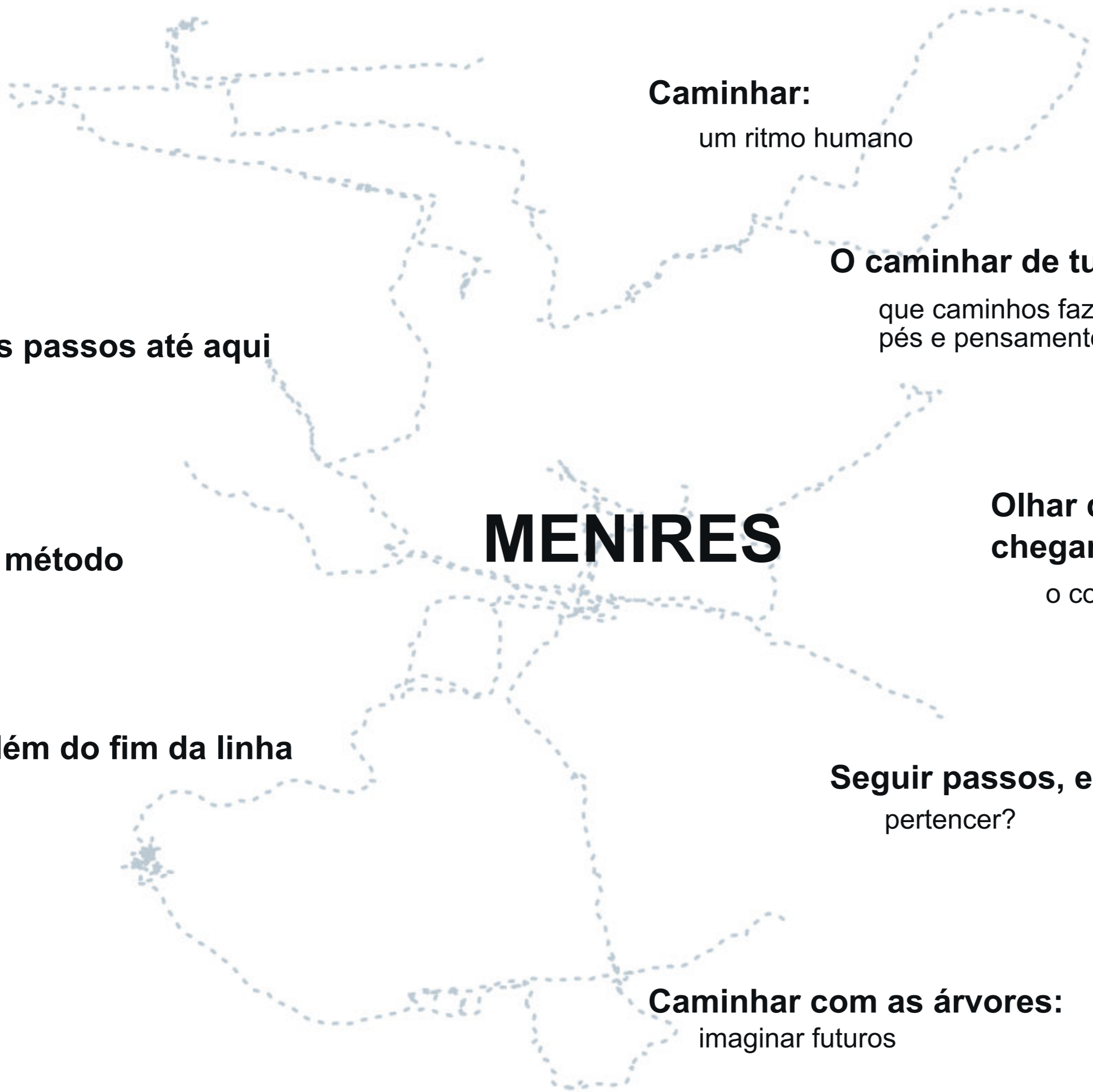
## **ABSTRACT**

This study emerges from the experiences and practices during the postgraduate course “Caminhada como Método para Arte e Educação”, synthesizing reflections, concepts and practices throughout this journey. It investigates the experience of walking through various documentation practices (such as photographs, path recordings, cartographies, and mental maps), which facilitated a deeper understanding of the rhythm of walking and how it can foster a stronger connection with the surrounding world.

**Keywords:** walking. mapping. at the human’s pace. Imagining futures.

a todas aquelas que caminham,  
apesar de tudo





**Caminhar:**  
um ritmo humano

**O caminhar de tudo:**  
que caminhos fazem meus  
pés e pensamentos?

**Os passos até aqui**

**O método**

**MENIRES**

**Olhar do alto, de longe,  
chegar perto:**  
o corpo no território

**Além do fim da linha**

**Seguir passos, encontrar:**  
pertencer?

**Caminhar com as árvores:**  
imaginar futuros

# Os passos até aqui

Não sei precisar exatamente quando, mas desde que me aproximei da fotografia, em 2015, observar pessoas caminhando foi se tornando uma recorrência. Observar árvores que não sei o nome, também.

Mas foi somente em 2021 que me perguntei por que seguir caminhantes era um tema tão recorrente. Na ocasião, fiz um pequeno artigo para uma revista de fotografia<sup>(1)</sup> do fotoclub do qual faço parte, tentando responder a essa questão.

Apesar de gostar de fazer caminhadas há bastante tempo, ou de ter tido esse método nos trabalhos de campo durante a graduação em geologia, foi somente em 2021 que o tema da caminhada começou a ficar mais presente como reflexão. Foi também quando descobri a Pós-graduação “Caminhada como Método para Arte e Educação” na Casa Tombada. O interesse foi imediato, mas só se concretizou alguns anos depois - apesar das incertezas daquele momento e da diferença de fuso-horário de 5 horas.

No meu percurso profissional e acadêmico em ciências da terra e ambiental, olhando para a transformação das paisagens e suas consequências ambientais, os mapas e as imagens aéreas (essa visão sinóptica, de cima) me acompanharam e encantaram (ainda encantam), mas com os avanços tecnológicos, as abordagens foram se tornando cada vez mais numéricas e desconectadas do território na minha prática. Acompanhar a destruição ambiental sempre crescente foi me entristecendo. Eu queria imaginar e contribuir para outros futuros possíveis longe da destruição. Junto com essas inquietações profissionais, meus interesses foram também se transformando e gerando uma necessidade de falar a partir de uma conexão sensível com o mundo ao redor, de olhar de perto.

Nos últimos anos tenho alimentado um forte interesse pela fotografia, pelo desenho, pela escrita e pela caminhada que permeia todos esses assuntos. Essas novas áreas foram criando um desejo de continuidade e aprofundamento dos estudos e práticas, e de costura desses assuntos múltiplos das artes e das ciências. Tudo isso me trouxe até aqui.

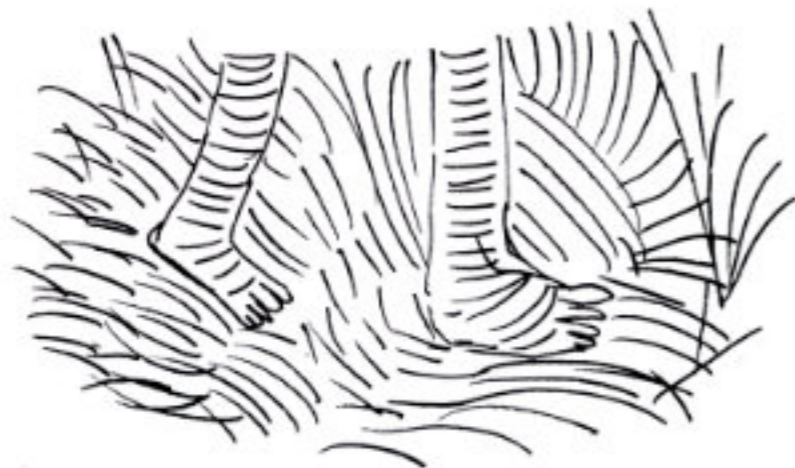


<sup>(1)</sup> <https://fotocineclub.weebly.com/fcc-exposed-journals.html>



Estreito (Minas Gerais), 1993, trabalho de campo  
Foto de C.F.Castro Alves

## O método



Caminhar “leva inevitavelmente a outros assuntos. O caminhar é um tema que sempre se extravía (...) A pé tudo permanece conectado...”  
(SOLNIT, 2016, p.27,28)

**Os caminhos:** a partir das práticas propostas durante a Pós-graduação, mas também em várias outras ocasiões cotidianas ou em atividades pessoais, registrei os percursos e recolhi reflexões sobre o caminhar, sobre os lugares, sobre idas e vindas por caminhos cotidianos ou caminhos que estava fazendo pela primeira vez e poderiam não se repetir.

Caminhei pela cor vermelha, por dilemas, junto a um grupo, junto a um protesto, em uma ação comunitária, em um jardim botânico, numa exposição, por áreas mais periféricas, em lugares que provavelmente não retornarei.

**O Registro dos caminhos:** registrei os caminhos com GPS, desenhei enquanto caminhava, olhando imagens de satélite, de memória.

**Os cadernos:** registrei os processos e as aulas em cadernos, notas, um rolo de papel (registro cronológico).

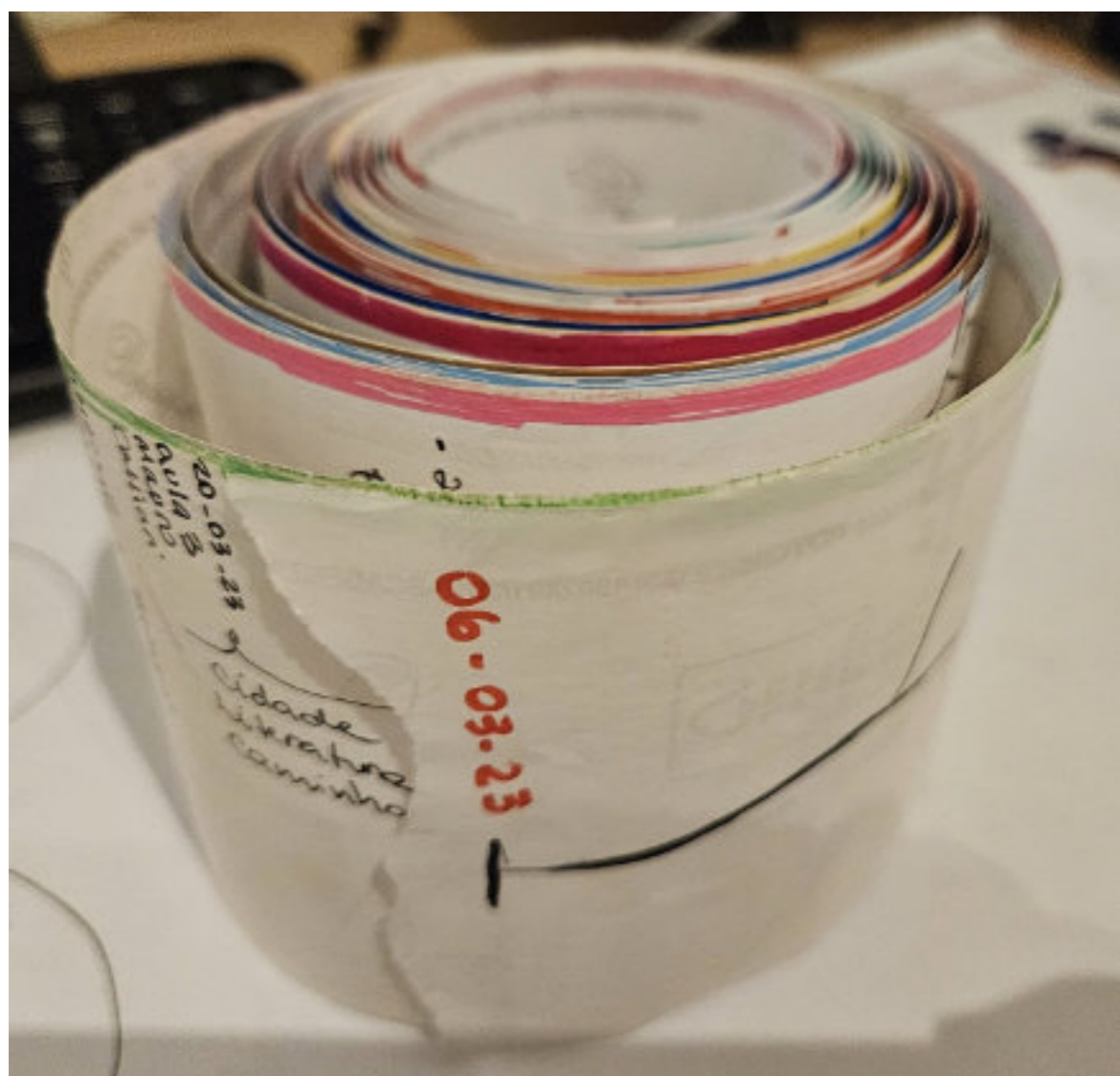
**As fotografias:** fotografei o que me capturou, fiz registros fotográficos, revisei meus arquivos.

**As cartografias / mapas mentais:** me aproximei dos temas que me interessavam e das minhas recorrências por meio de cartografias e mapas mentais sobre as reflexões, as experiências, os lugares.

**Os textos:** anotei (leveei quase sempre um caderno comigo), registrei em diário, gravei muitos áudios enquanto caminhava e transcrevi, fiz escritas automáticas.

**As costuras:** então parei para olhar para esses registros e suas relações e diálogo com diversos autores.

“A pesquisa não é o resultado da ligação entre dois pontos, previamente concebidos. (...) esses pontos - de partida e de destino - vão se descobrindo ou se fazendo ao longo do processo de construção da própria rota. Os textos de pesquisa, também, são feitos desse fazer rotas ou desse construir cartografias enquanto se fazem caminhos.”(HISSA, 2019, p.26)



o trabalho foi se construindo ao caminhar, mês a mês, passo a passo ...



## **caminhar pode significar muitas coisas**

sobreviver, migrar, errar, perder-se,  
peregrinar, desenhar, escrever, ler,  
pensar, questionar, compreender, flunar,  
deambular, derivar, atravessar, vadiar,  
protestar, capturar, andar à toa,  
encantar-se, observar, coletar,  
sentir-se parte, encontrar...

atravessar o espaço para a própria sobrevivência  
“puro ato estético” (no último século)  
(CARERI, 2013, p. 27,28)

uma prática “cultural, estética, poética e política”  
(Museu del camminare)

um ato subversivo: “não há nada mais subversivo, mais  
alternativo ao modo de pensar e agir dominante de hoje do  
que caminhar” (LABBUCCI, 2011, p.3)

um antídoto contra a “separação cartesiana de mente e  
corpo” (SOLNIT, 2016, p.15)

“um estado no qual a mente, o corpo e o mundo se  
alinham, como se fossem três personagens que finalmente se  
põem a conversar, três notas que, de repente, formam um  
acorde”(SOLNIT, 2016, p.22)

“uma experiência fulgaz, efêmera, performativa”  
(DERDYK, 2023, Aula 02)

“uma ação atávica e fundamental para a construção dos  
percursos da civilização humana”(DERDYK, 2023)

“caminhar é um modo de pensar. É um pensamento  
prático.” (LABBUCCI, 2011, p.03)

”caminhar não é um esporte (GROS, 2021, p.08)

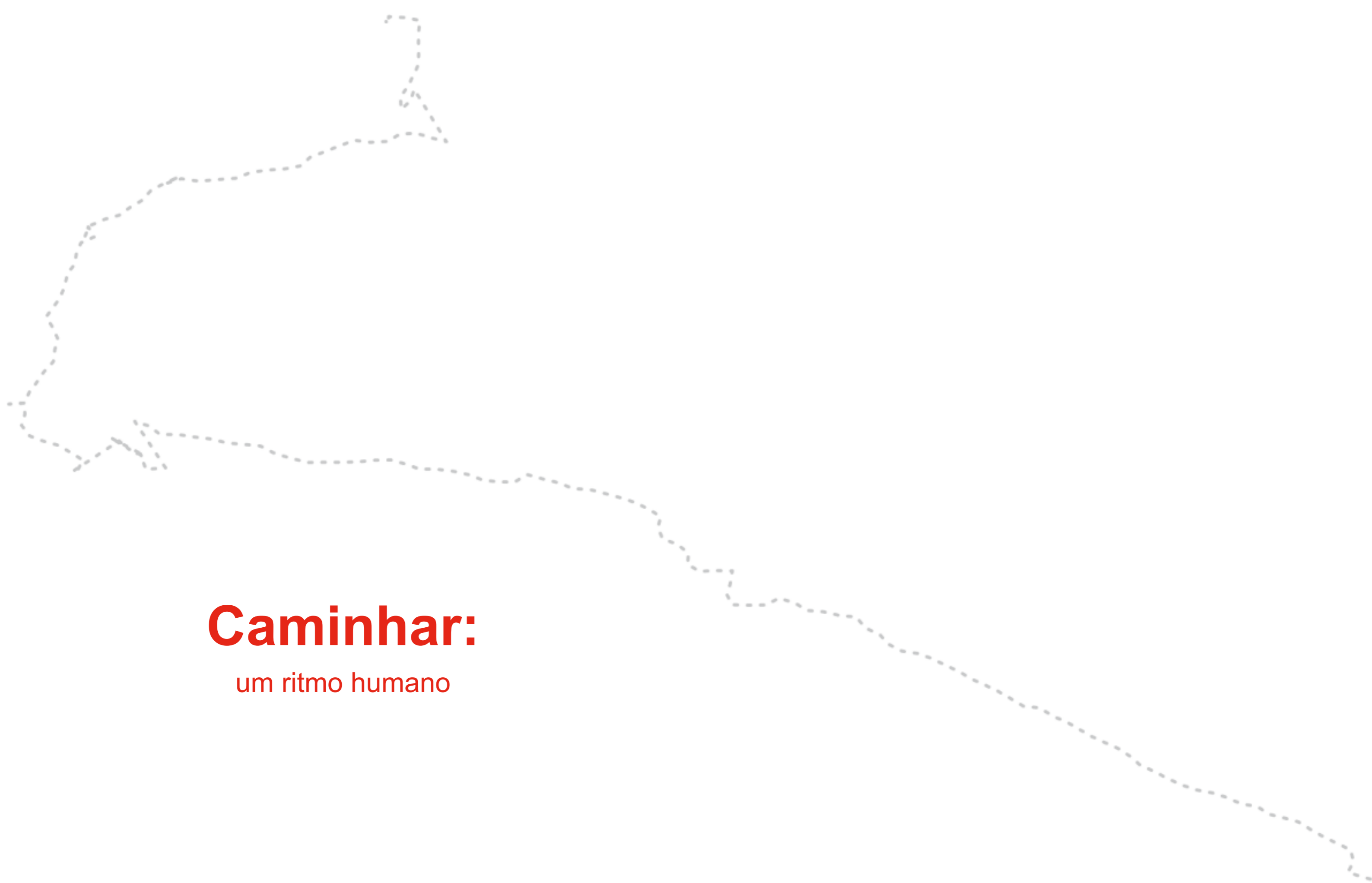
“caminhar é ter falta de lugar”  
(CERTEAU, 1998, p.183)

“caminhar significa abrir-se ao mundo” (...) “uma forma  
ativa de meditação que exige a plena participação de todos  
os sentidos” (..) “viver através do corpo”  
(LE BRETON, 2001, p.09)

“um triplo movimento: não nos apressar; acolher o  
mundo; não nos esquecer de nós mesmos no caminho”  
(LABBUCCI, 2011, p.52)

“a experiência mais natural de deslocamento humano (..)   
também pode ser uma maneira de apropriar-se do espaço  
público, e de experimentar a cidade”  
(CALLIARI, 2019, p. 13)





# Caminhar:

um ritmo humano



a luz obliqua  
o pedestre que passa  
a curva que esconde um segredo

ouço meus passos

o barulho dos talheres  
o cachorro que late  
o carro que agride

vejo algo  
que só vejo quando vou devagar  
no meu ritmo  
um ritmo humano

ouço meus passos

sempre um caminho diferente,  
o mesmo

as vezes levo companhia  
hoje vou só  
com o que tenho no peito  
com o que coletar pelo caminho



ralentar o ritmo  
pisar leve  
intuir o próximo passo  
sentir-se frágil  
junto  
tornar mais lento  
seguir diferente



Caminhar é ir devagar, nos lembra Frederic Gros:

“Quer ir mais rápido? Então não caminhe, faça outra coisa: vá de carro, patine. Voe. Não caminhe” (GROS, 2021, p.8).

Ou Rebecca Solnit quando diz:

“Gosto do caminhar porque ele é lento e desconfia que a mente, à semelhança dos pés, funciona a uns cinco quilômetros por hora. Se assim for, então a vida contemporânea segue a uma velocidade superior à do pensamento. Ou da consideração” (SOLNIT, 2016, p.30).

Penso que caminhar seja um modo de estar no mundo mais próximo ao nosso ritmo humano, do qual fomos nos afastando em nome do progresso, da comodidade, da pressa, com os desdobramentos que hoje conhecemos muito bem. Vivemos na época da grande aceleração <sup>(2)</sup> que está levando a humanidade a ultrapassar os limites do planeta. Nesse sentido caminhar adquire uma importância única - caminhando somos resistência ao modo de vida atual dominante (DERDYK, 2023).

“Caminhar como resistência, como retomada da medida do corpo, contrafluxo do modo de vida atual” (DERDYK, 2023, Aula 06)

Caminhando somos frágeis, somos confrontados com as limitações do corpo, submetidos às intempéries, à furia dos carros, ao que possa acontecer pelo caminho. Nosso ritmo é lento comparado à velocidade do mundo (da técnica, da máquina, do algoritmo) criado por nós. Caminhar demora, demanda paciência, um passo depois do outro.

“Caminhar é a afirmação mais direta e explícita da nossa irreduzível condição de seres humanos num mundo dominado pela técnica” (LABBUCCI, 2011, p.16)

<sup>(2)</sup> “Grande aceleração” se refere ao aumento exponencial das atividades humanas e seus impactos sem precedentes no Sistema Terrestre a partir de meados do século 20, que teriam causado mudanças fundamentais para além da variabilidade do Holoceno (STEFFEN et al., 2015). Ela tem sido considerada como o início do Antropoceno, termo bastante difundido para se referir ao período atual, marcado por essas profundas mudanças (embora o reconhecimento do Antropoceno como uma nova época geológica ainda esteja em debate).

Existe no caminhar algo de precioso de nos fazer sentir no tempo. Um tempo lento, próprio, que nos tornaria mais disponíveis a perceber o mundo ao redor, o outro, e com sorte, menos indiferentes? O que conseguimos ver/perceber/observar quando paramos de correr?

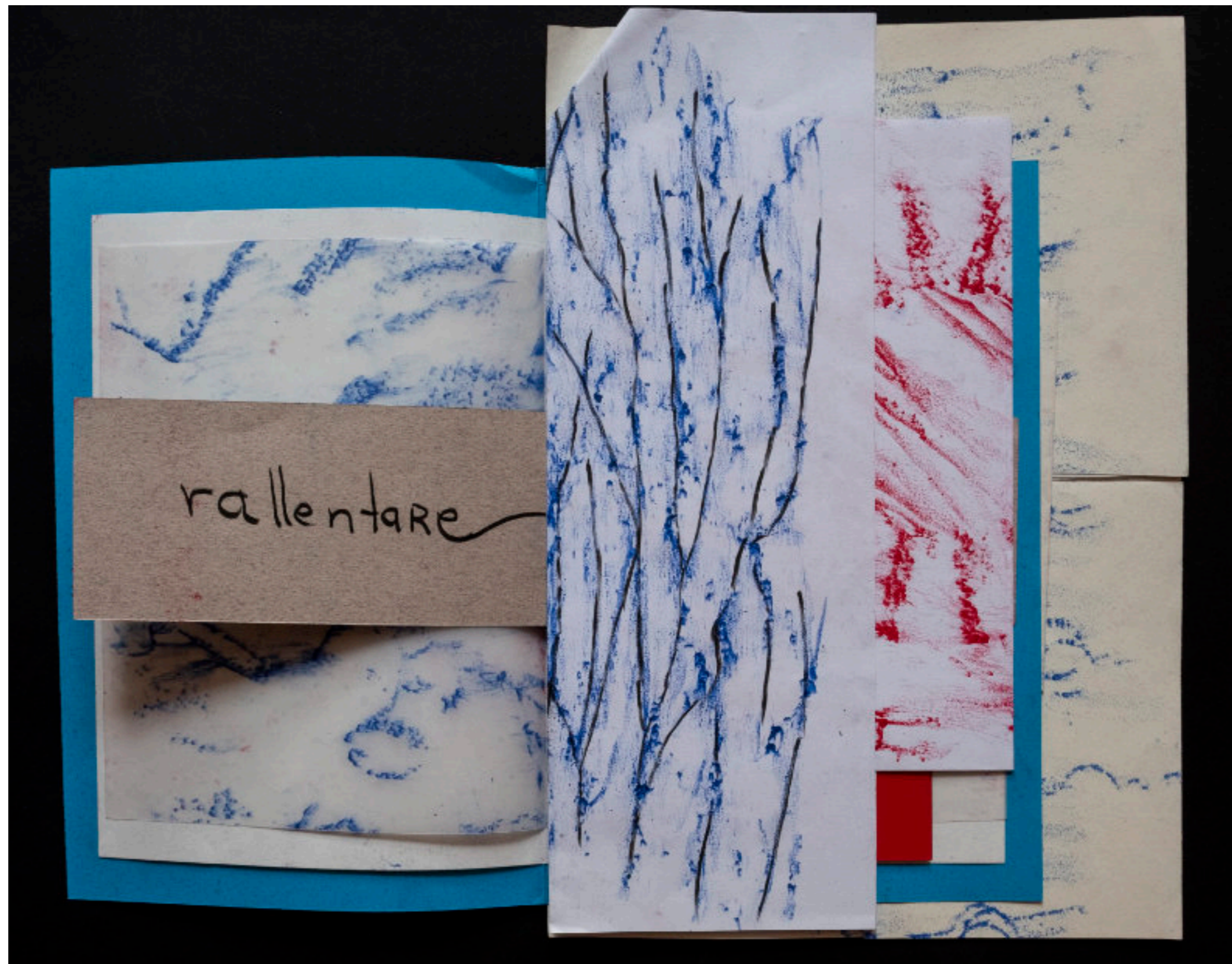
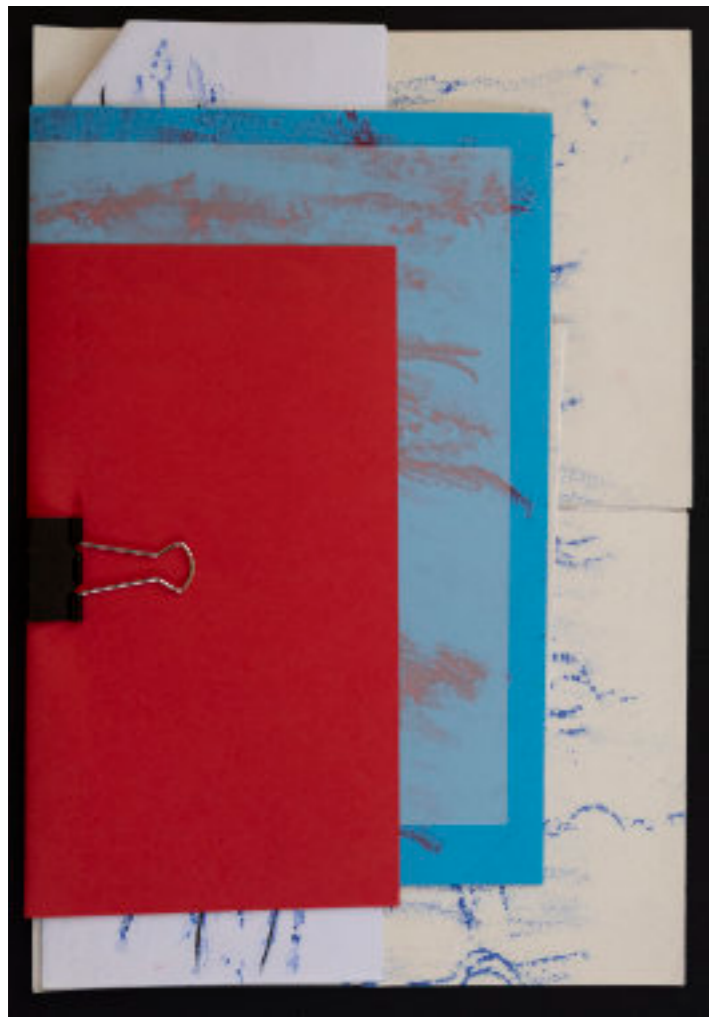
“(…) lugares onde o caminhar chega a uma cadência constante que parece ser a pulsação do próprio tempo” (SOLNIT, 2016, p.61)

Não há garantias, mas sinto que nos abrimos para a possibilidade do encontro, do encantamento, do ordinário que se torna extraordinário, daquilo que passaria despercebido se não fosse nossa disponibilidade e curiosidade para explorar um território a pé.

“Tento sempre me posicionar como aquele viajante que se espanta com o que vê, como se olhasse pela primeira vez, conjugando frescor e disponibilidade, fascinado pelo quase-nada, pelos odores, gestos, barulhos ... A questão que se coloca aqui é: como manter esse olhar, ou como, inspirada por Da Vinci, ser o olho que transforma o muro em paisagem? Seria esse olhar-viajante, capaz de captar a trivialidade do cotidiano e impregnar de poesia os instantes?” (DIAS, 2011,p.3772)

A pressa permeia tudo. Cássio Hissa, refletindo sobre a distância entre arte e ciência, ressalta que a ciência moderna (ciência-técnica, hegemônica) cultua a velocidade, a racionalidade e desqualifica a emoção. E então a distingue da ciência-saber, essa última fronteira, mais próxima do vagar, da paciência, da lentidão, da artefania. E nos lembra, no mundo da técnica e da velocidade digital, de tudo que fomos perdendo no caminho em nome da pressa:

“Perdemos sensibilidades auditivas. Perdemos tato e olfato. Isolamos paladares e gostos. Prazeres são desperdiçados, à pressa, sem qualquer cultivo. O tempo deixou de existir, de tanta pressa (...). À nossa frente, descortinado o deserto, sentiremos falta de nós mesmos quando nos faltar a poesia”? (HISSA, 2019, p.21/28)

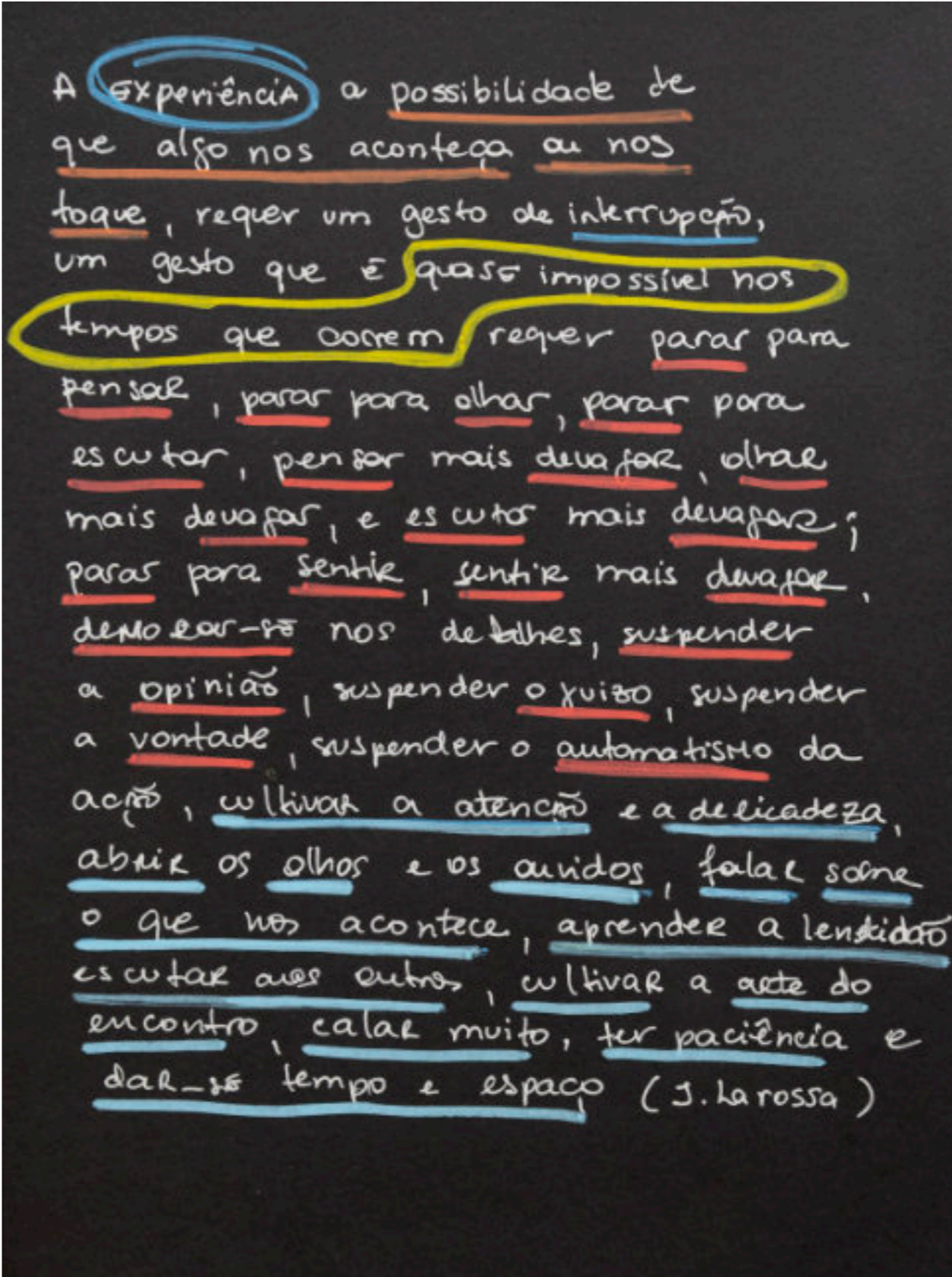


Com Jorge Larossa aprendemos que:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”.

(LAROSSA, 2014, p.25)

Relendo o que nos diz o autor nesse fragmento, penso que parar possa ser favorecido pelo caminhar. Não aquele automático, para nos levar de A a B. Mas aquele curioso, que se propõe a observar, perceber, ouvir, sentir, investigar. Um caminhar com “todos sentidos acordados”, como nos diz Edith Derdyk.

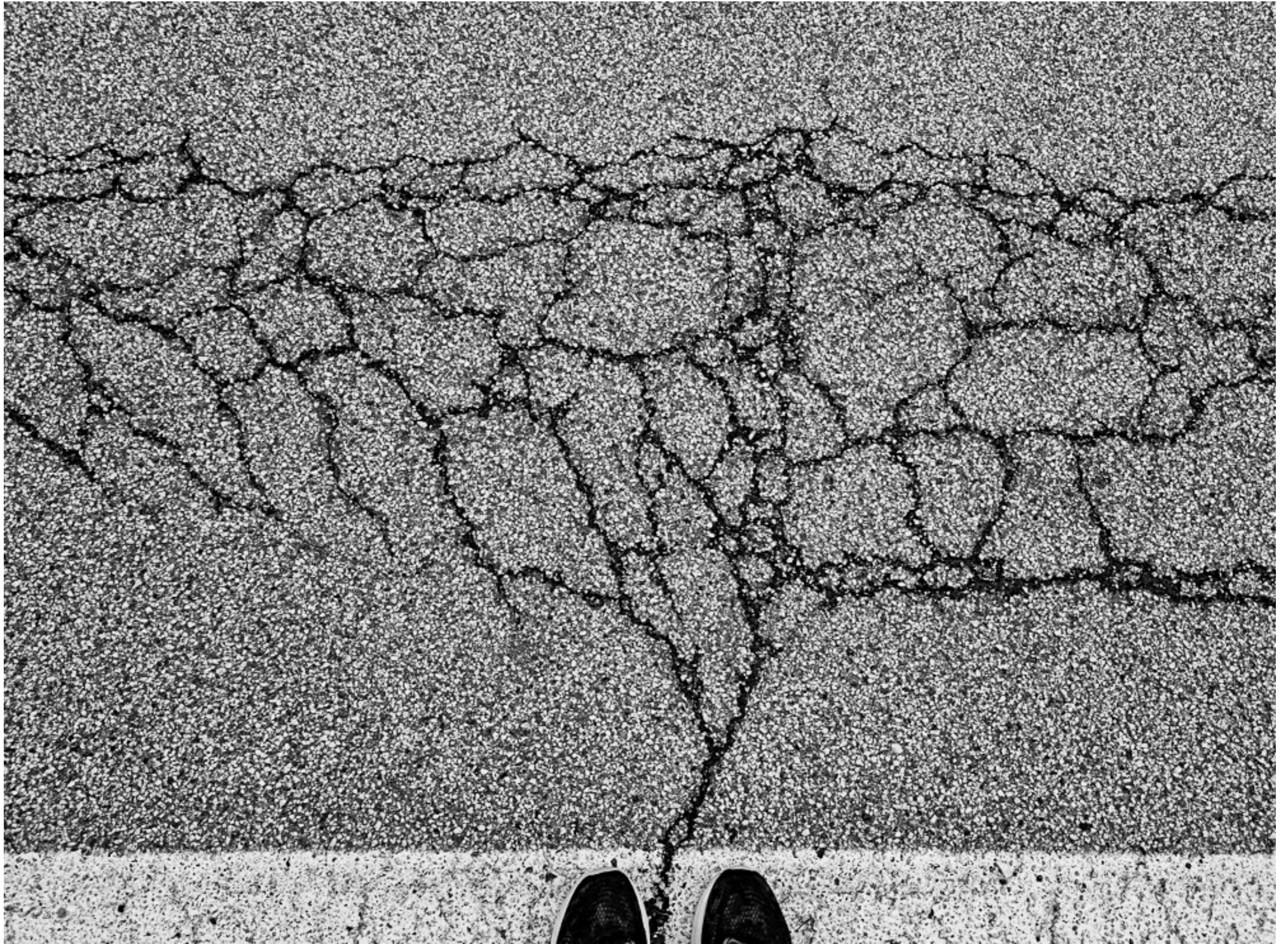


A experiência a possibilidade de  
que algo nos aconteça ou nos  
toque, requer um gesto de interrupção,  
um gesto que é quase impossível nos  
tempos que correm requer parar para  
pensar, parar para olhar, parar para  
escutar, pensar mais devagar, olhar  
mais devagar, e escutar mais devagar;  
parar para sentir, sentir mais devagar,  
demorar-se nos detalhes, suspender  
a opinião, suspender o juízo, suspender  
a vontade, suspender o automatismo da  
ação, cultivar a atenção e a delicadeza,  
abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre  
o que nos acontece, aprender a lentidão,  
escutar aos outros, cultivar a arte do  
encontro, calar muito, ter paciência e  
dar-se tempo e espaço (J. Larossa)

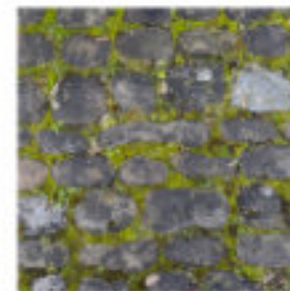
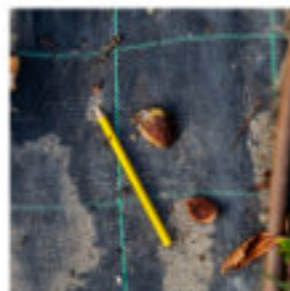
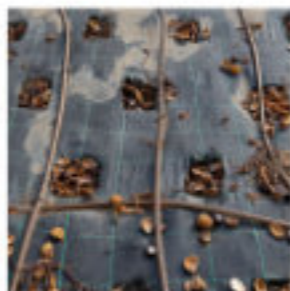
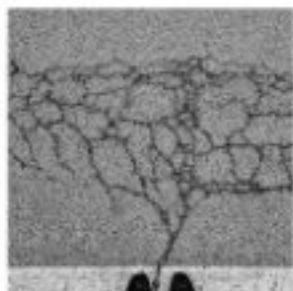
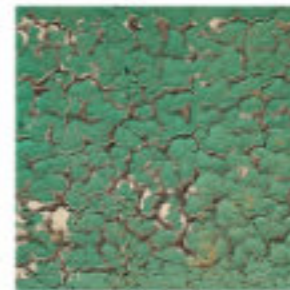
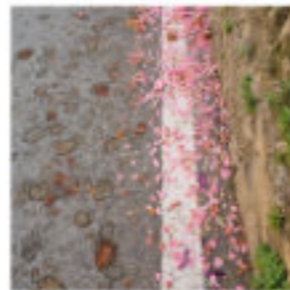
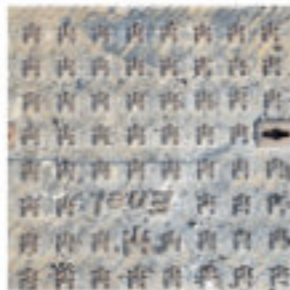


## **quando parei e olhei para o chão**

reconhecer onde estão os pés,  
mesmo quando os pensamentos  
levam para longe



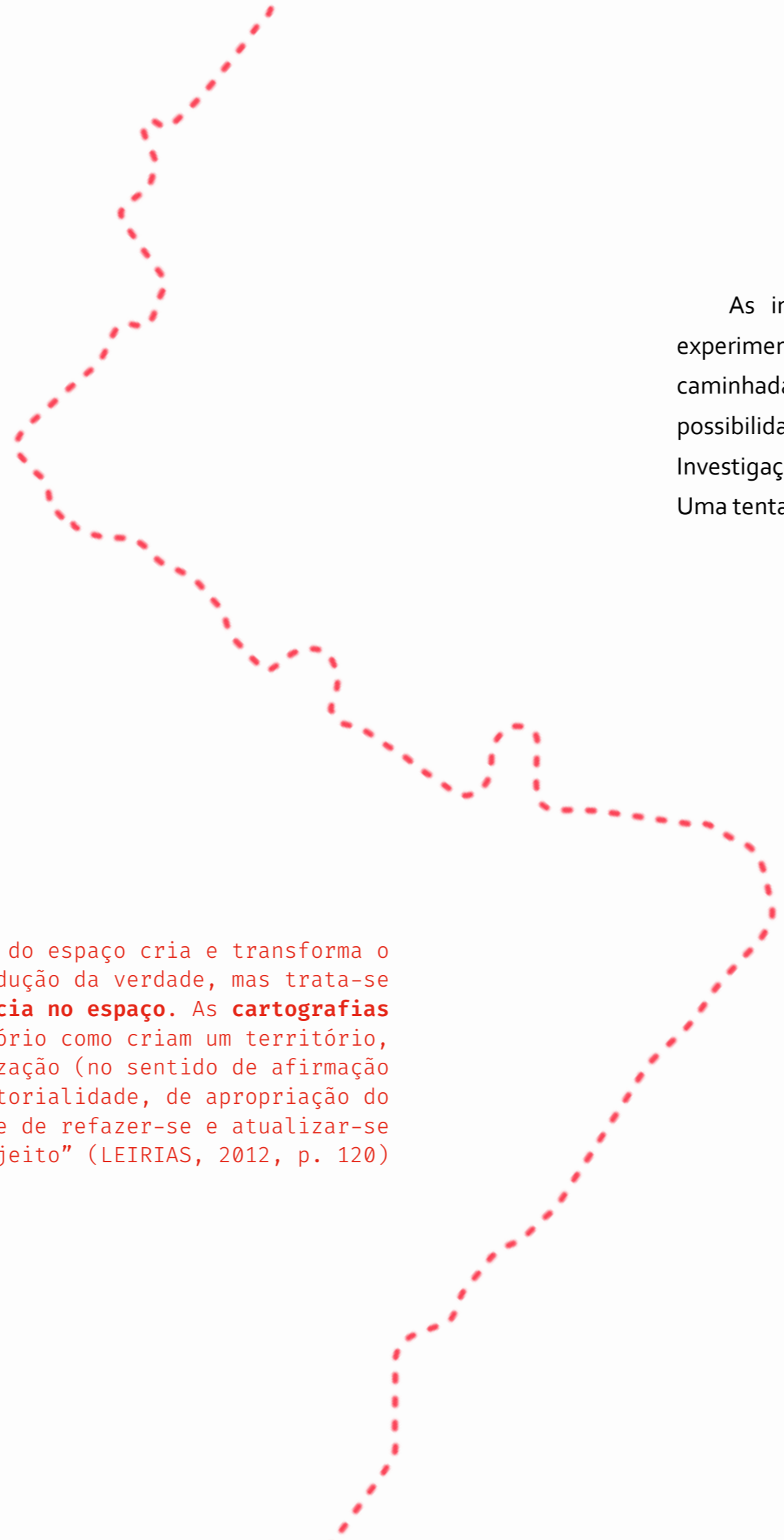






# O caminhar de tudo

que caminhos fazem meus pés e  
pensamentos?



As imagens a seguir fazem parte de um processo de experimentação de diversos enunciados e práticas a partir de caminhadas e uma busca em compreender o caminhar como possibilidade de leitura e escrita do espaço (CARERI, 2013, p.9). Investigações, reflexões, aproximações, costuras, descobertas. Uma tentativa de contornar, dar forma, continuar imaginando.

“Toda produção simbólica do espaço cria e transforma o espaço. Um **mapa** não é uma produção da verdade, mas trata-se de uma **expressão da experiência no espaço**. As **cartografias** não só representam o território como criam um território, todo mapa é uma reterritorialização (no sentido de afirmação de um processo de territorialidade, de apropriação do espaço) e tem a potencialidade de refazer-se e atualizar-se a cada fruição do sujeito” (LEIRIAS, 2012, p. 120)

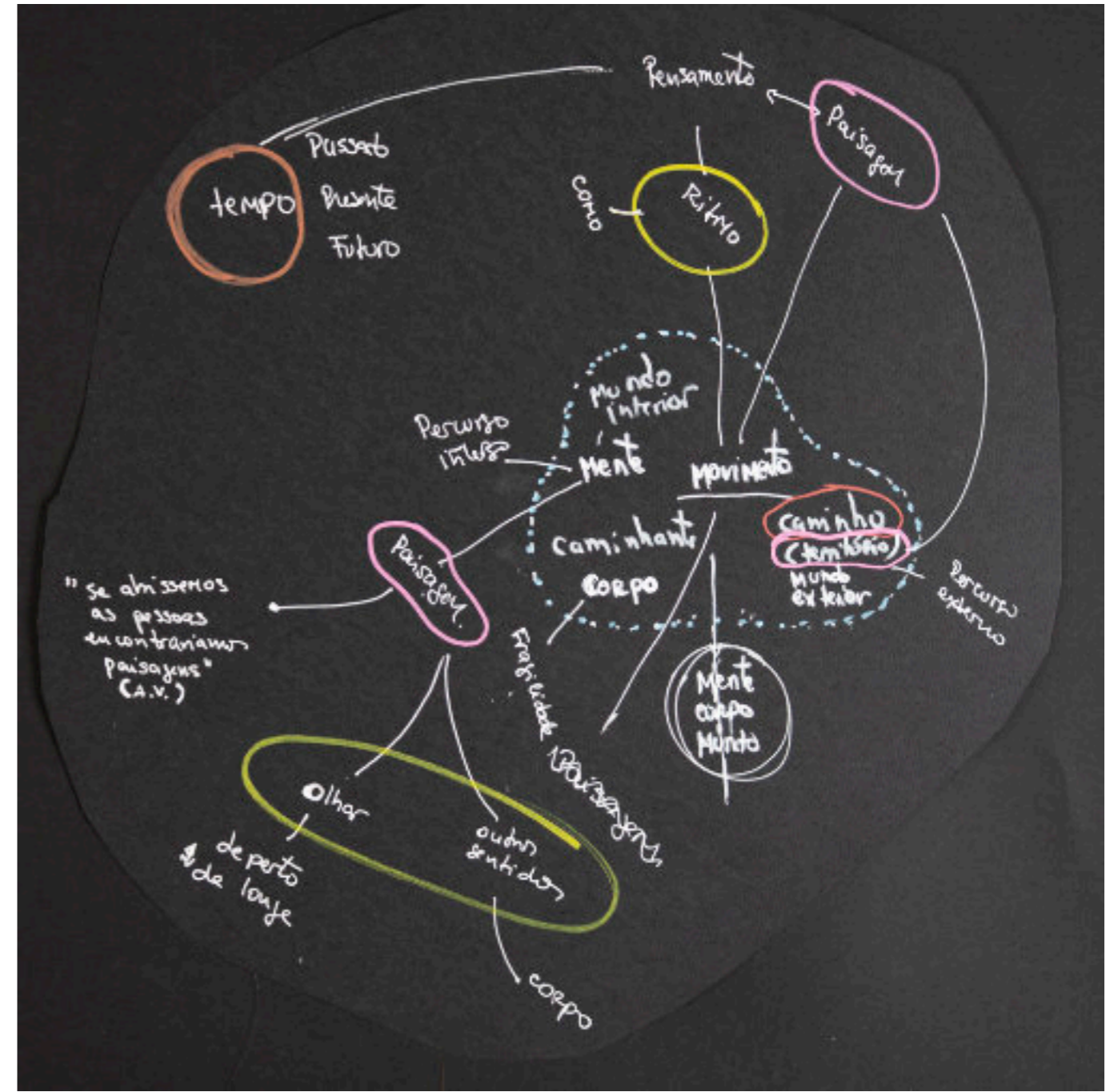


## **caminho dos pensamentos**

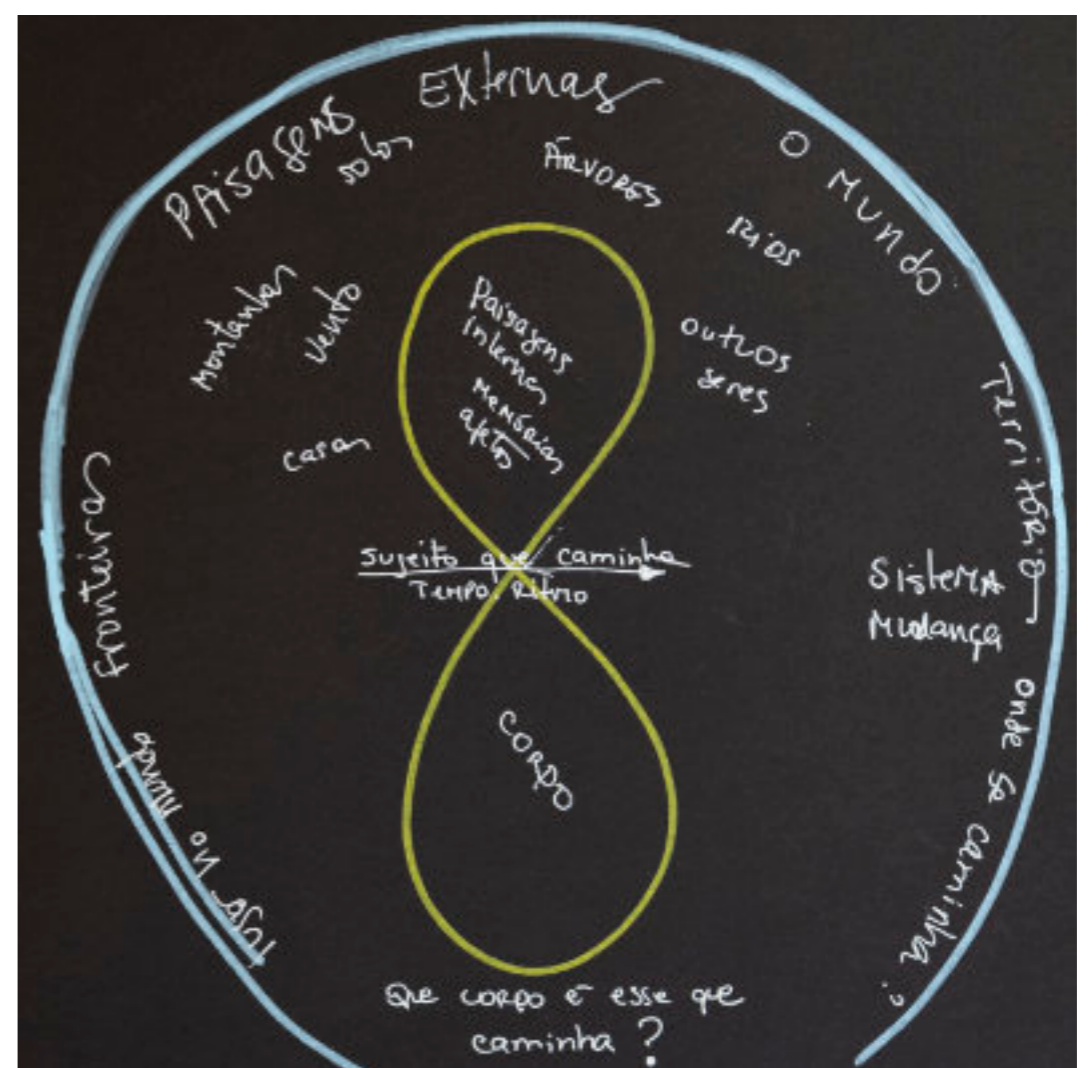
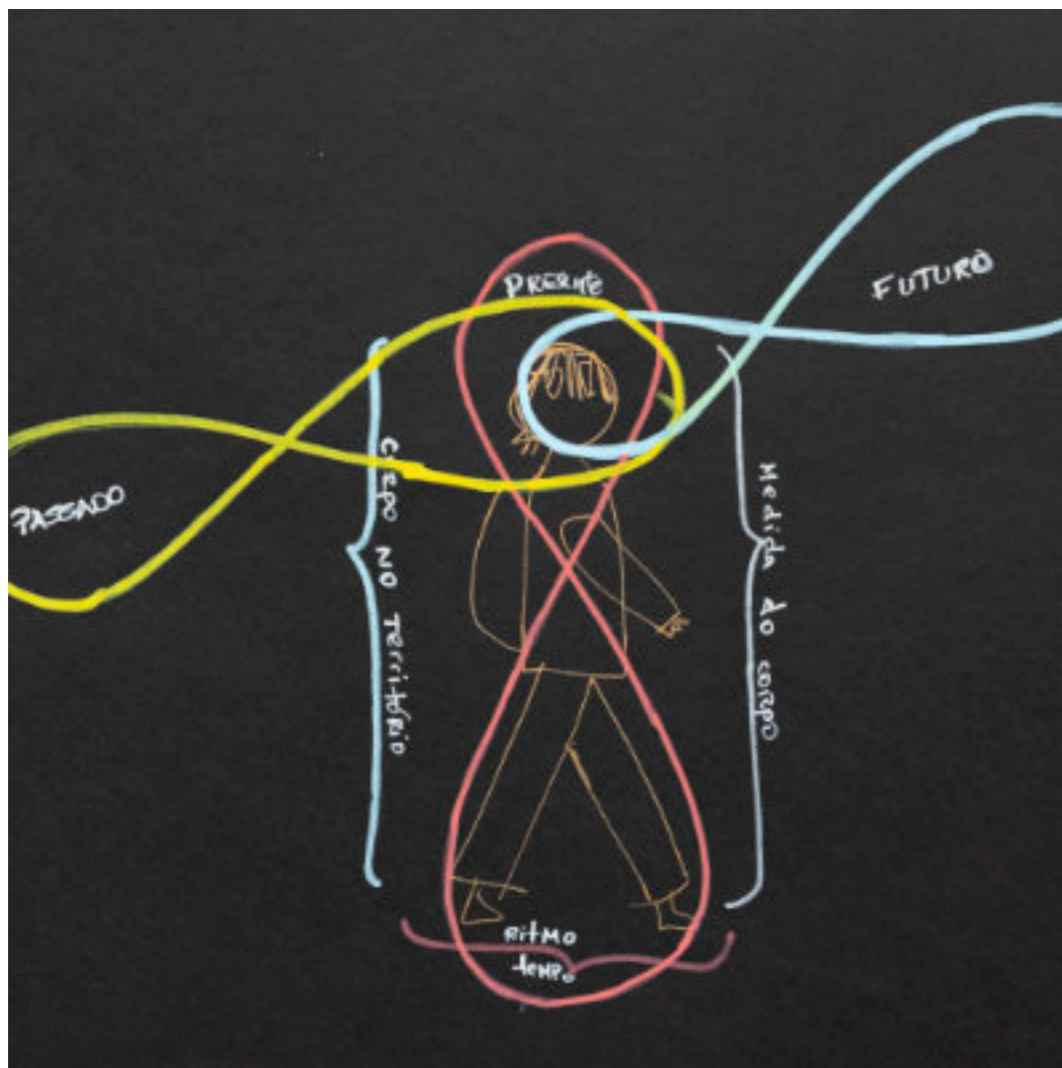
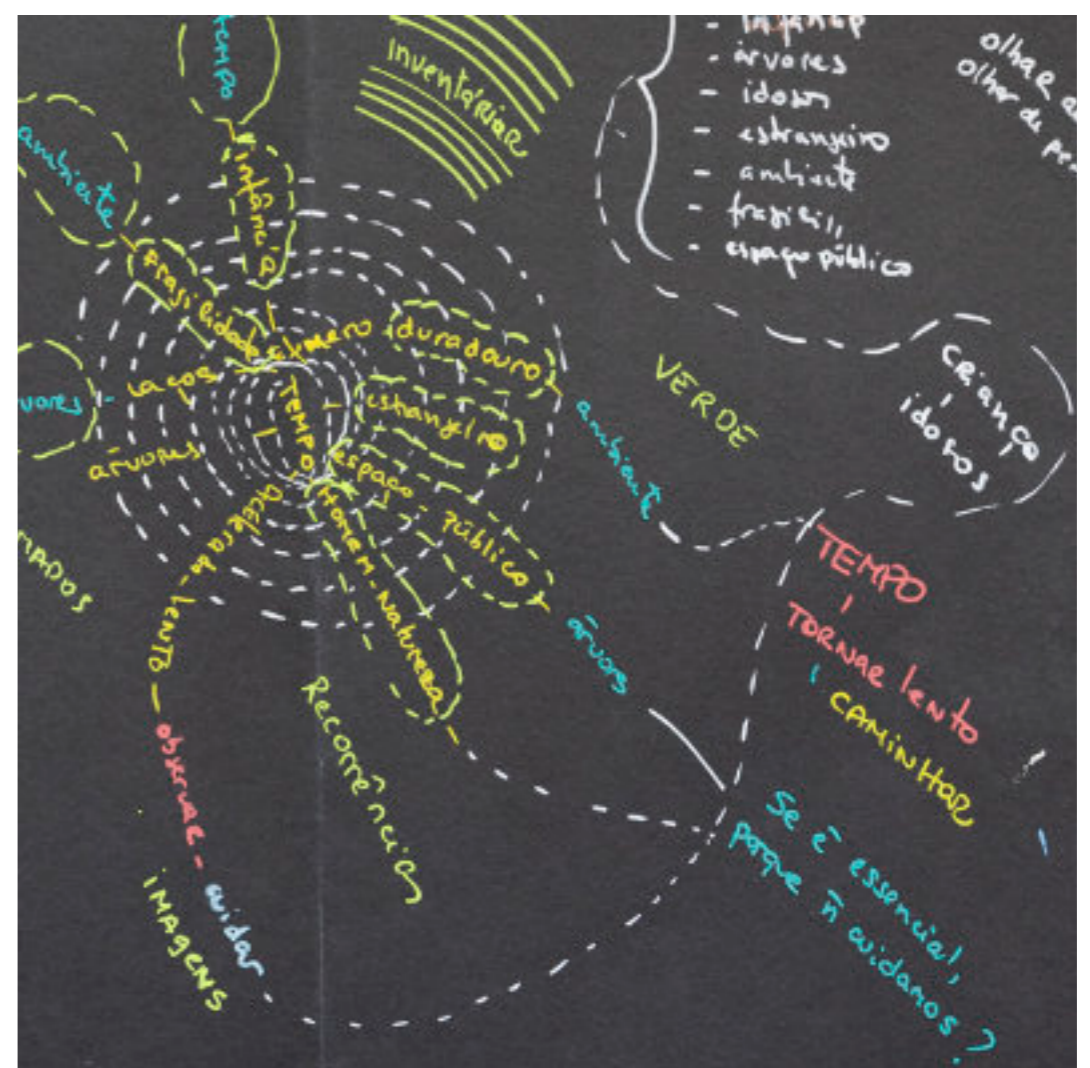
“O ritmo da caminhada produz uma espécie de raciocínio ritmado, e a travessia de uma paisagem ecoa ou estimula a travessia de uma série de pensamentos, o que produz uma estranha harmonia entre as travessias interna e externa, sugerindo que a mente também é uma espécie de paisagem e que caminhar é uma maneira de percorrê-la”  
(SOLNIT, 2016, p.23).



caminhar - mundo



caminhar - movimento





Os passos  
de aqui  
entre a arte  
e a ciência

Que caminhos  
fazem meus  
pés e  
pensamentos?

ver do alto  
olhar de passar  
registro dos  
caminhos

Segue  
passos

distância?

panorama  
paisagem

o outro  
observar que  
caminha

"ver de  
longe"

co-habitar  
pertence

Mapas  
Mentais

ver "de perto"  
com o corpo todo

medida do corpo

caminho  
com as árvores

"vive-se no  
mundo todo"

conexão com  
a natureza  
da qual somos  
parte

no ritmo humano

imaginar  
futuras

chão

que corpo é esse  
que caminha?





“de fato, estamos espremidos por dois desejos: estabelecer-nos em alguma parte, pertencer a um lugar, e encontrar alhures um novo campo de ação”  
(Gilles A. Tiberghien)



## cartografias do entorno

“Se abrissemos as pessoas,  
encontraríamos paisagens”  
(Agnès Varda, 2008)



caminhar curioso, caminhar pelas mãos, caminhar pelas regras, pela sombra, caminhar frágil, caminhar junto, caminhar à margem, caminhar deixando rastros, caminhar distraído



*caminhar não sabendo o que vem  
pela frente*

*caminhar junto  
até o ponto de fuga*



*caminhar sob a proteção  
das árvores*

*caminhar descontraido*



*caminhar focado*

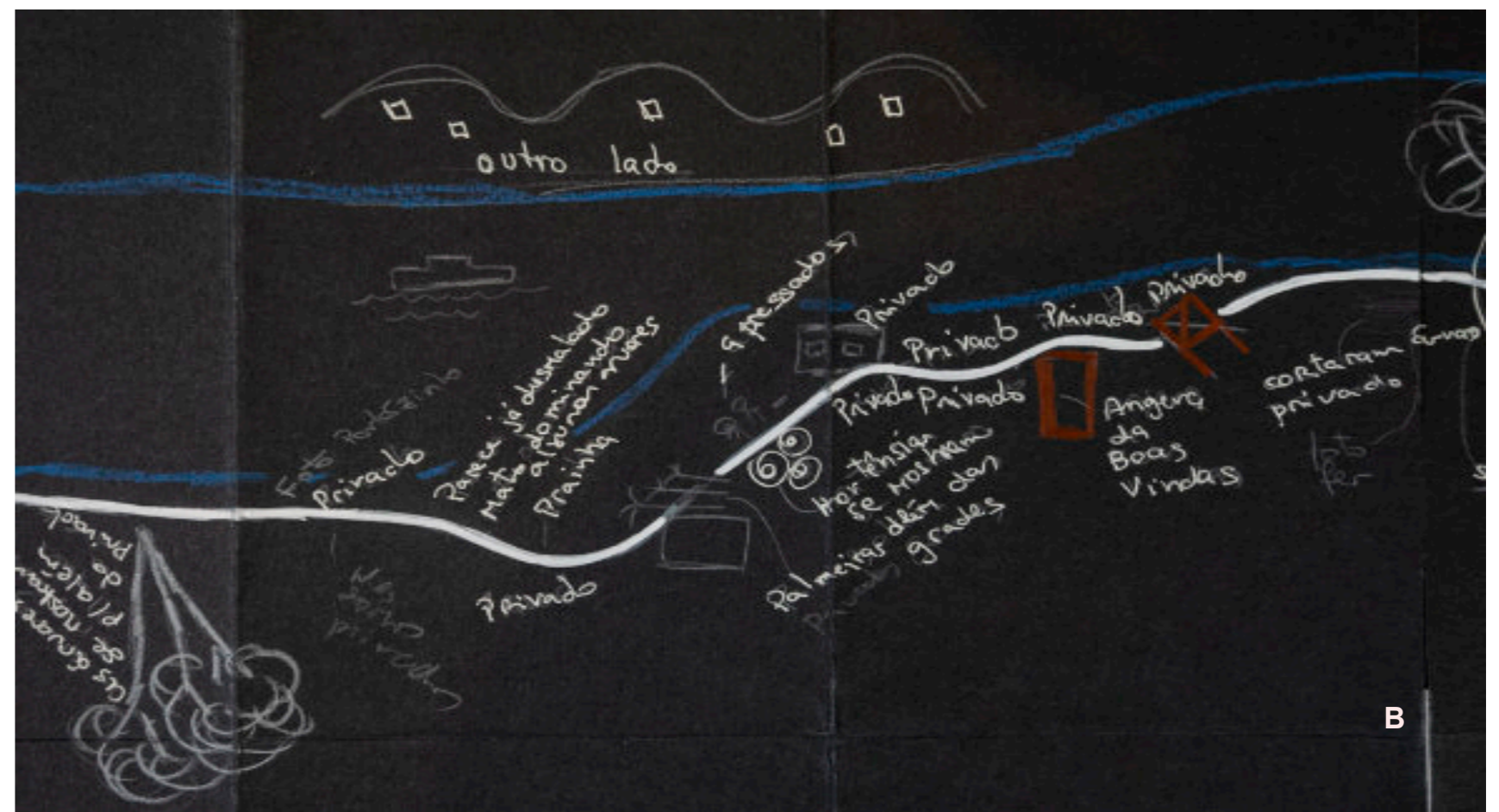
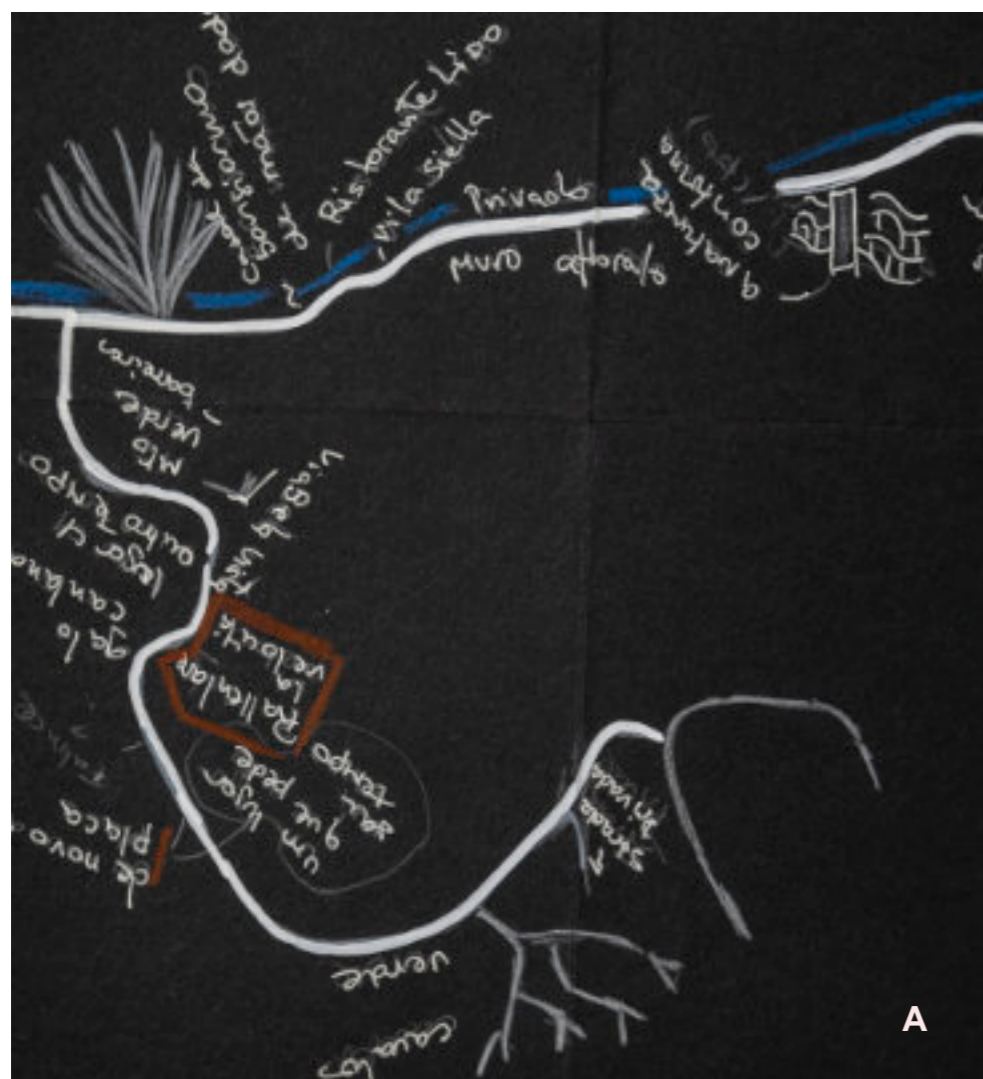
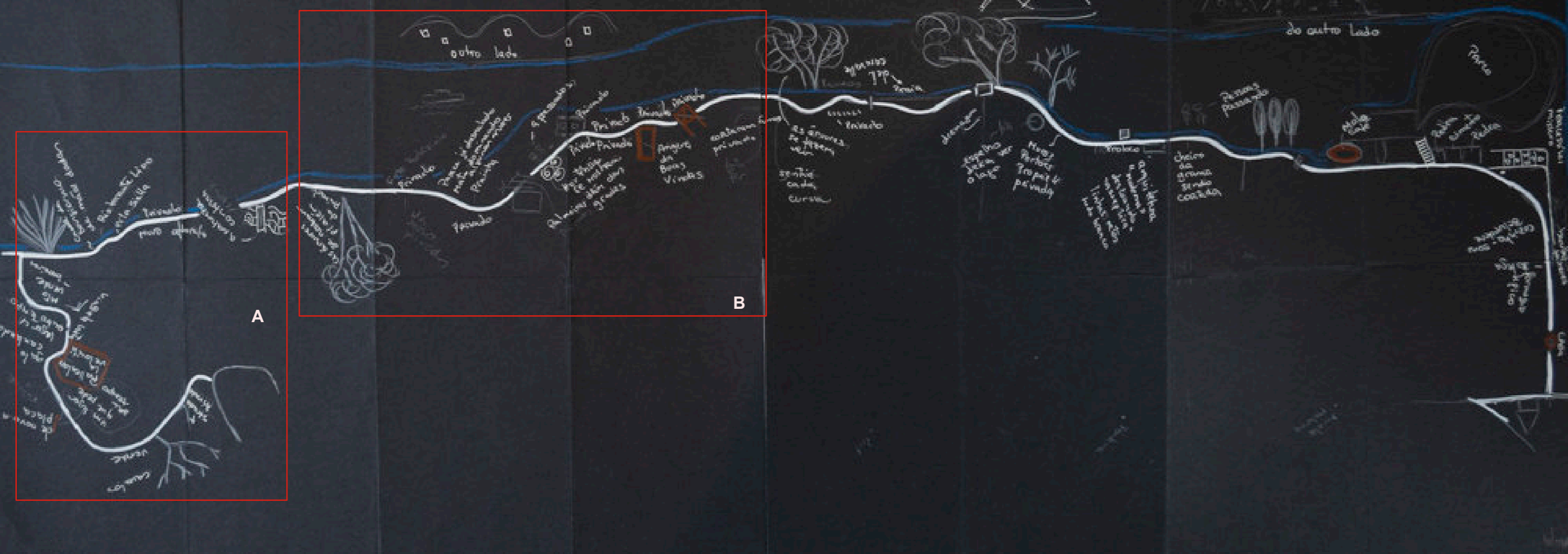


*caminhar olhando para os  
lados*

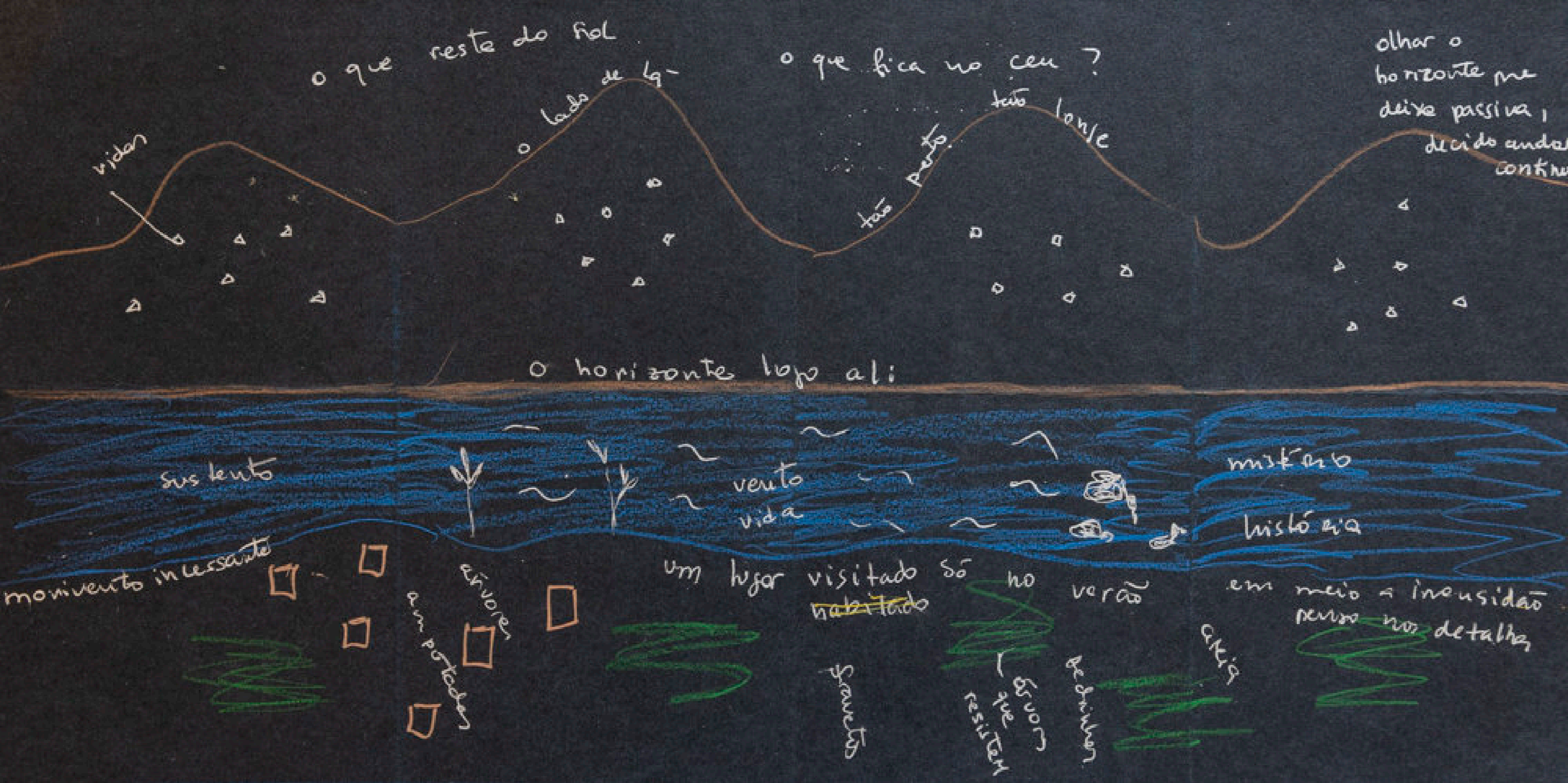
*Proteger cada o passo*



*caminhar até gastar o solado*



*caminhar desenhando o caminho*



Meu corpo no lugar  
A alma do lugar  
O que se revela nesse encontro?

Olho longe  
Percebo detalhes

O lado de lá  
O outro  
Tão perto, tão longe  
O horizonte logo ali

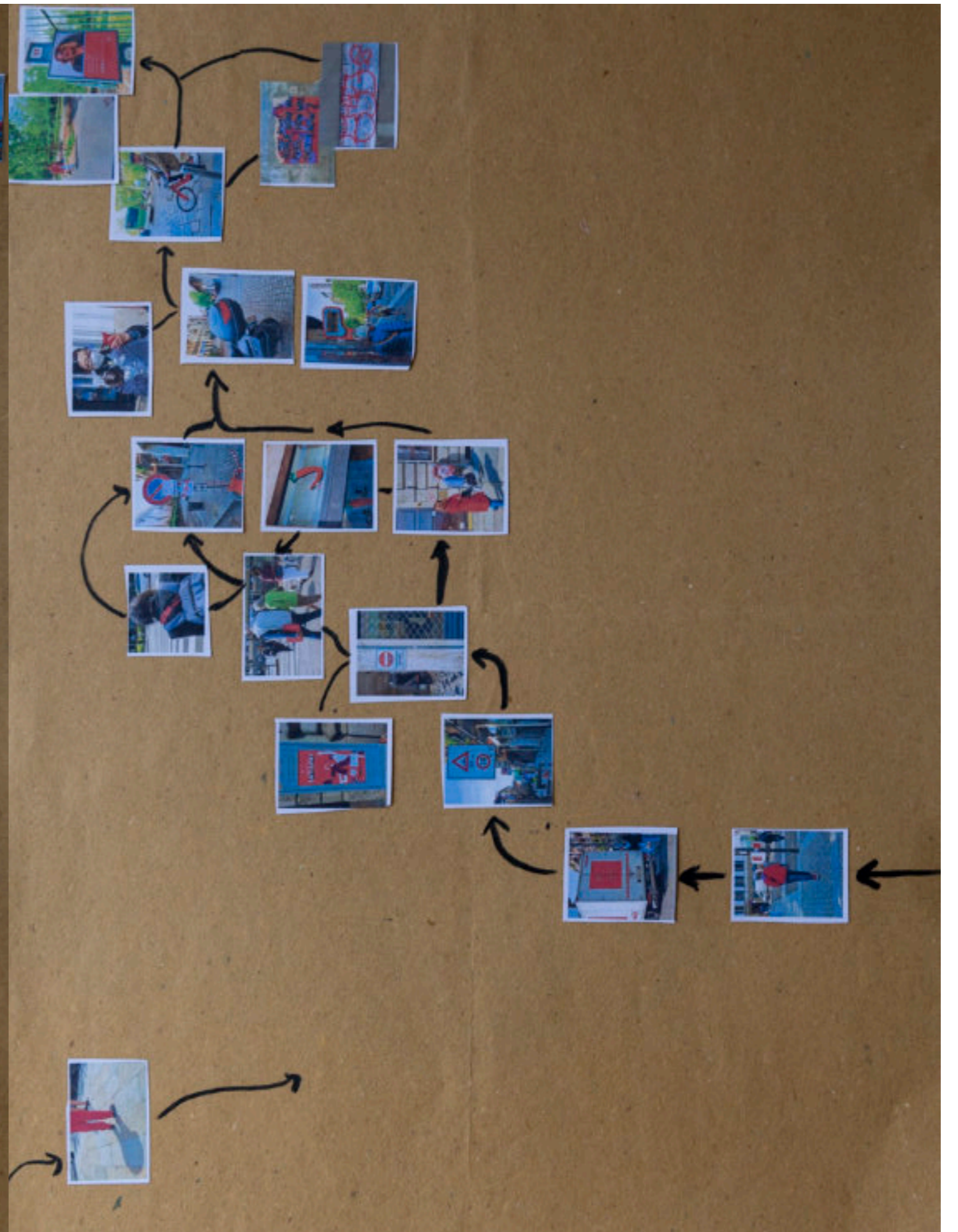
Tempo, matéria, vidas  
O que resiste quando o sol se põe?



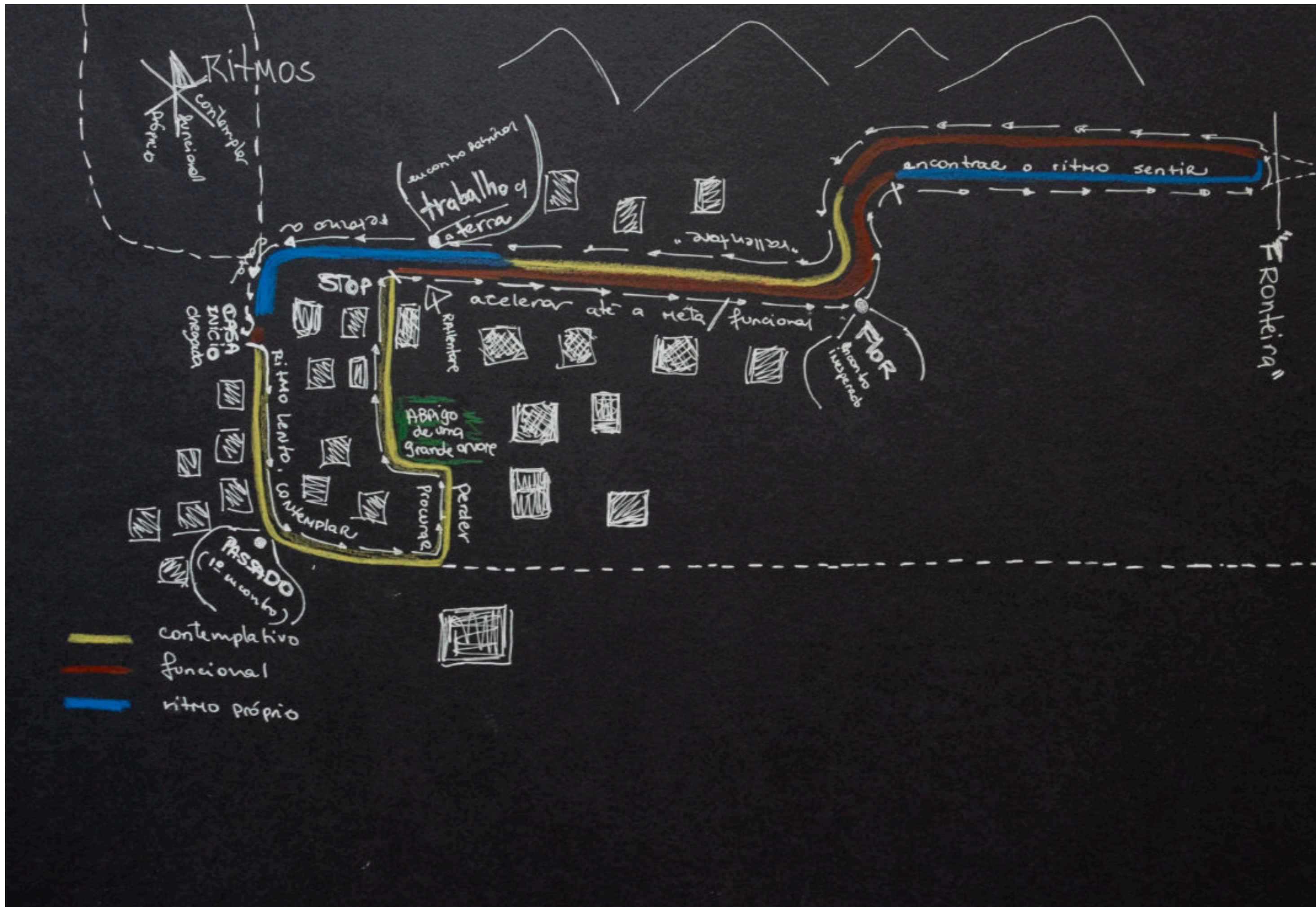
*desenhar olhando uma imagem de satélite, e continuar imaginando*



*encontrar um parque, guiada pela cor vermelha*



*caminhar pela cidade, guiada pela cor vermelha*







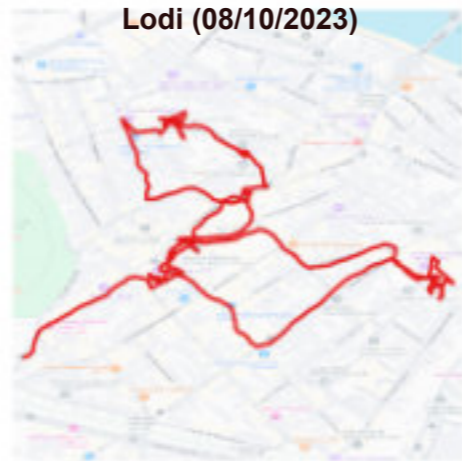
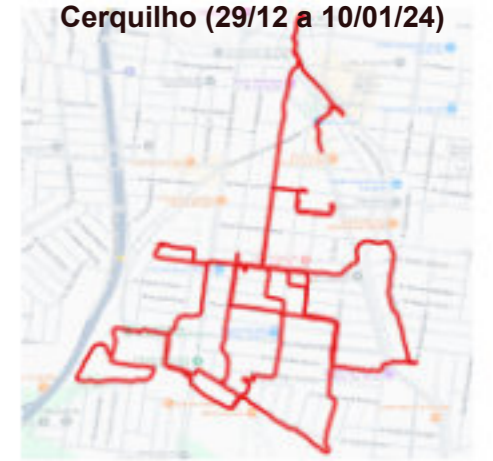
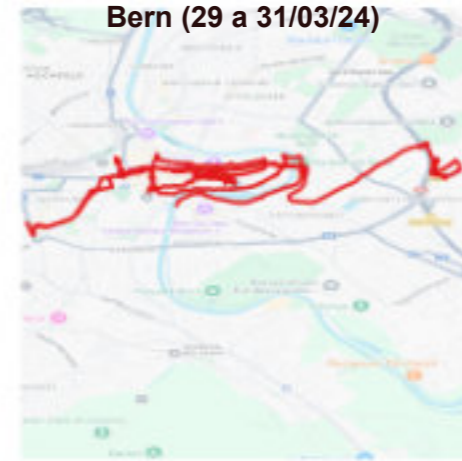
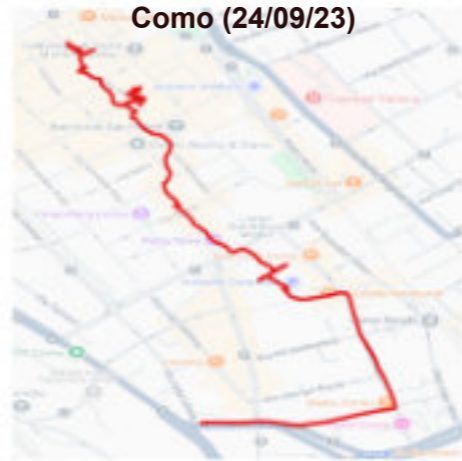
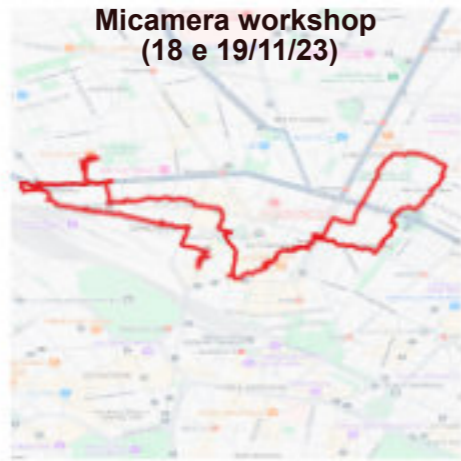
confinamos os rios

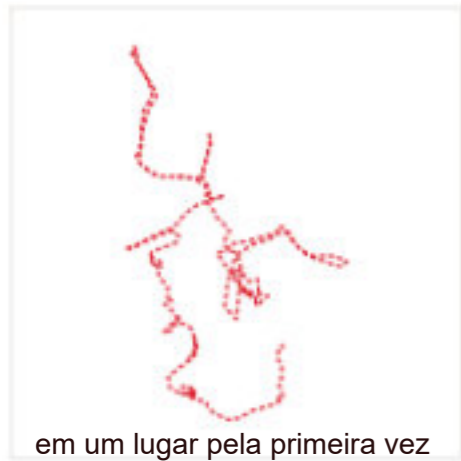
isolamos as árvores



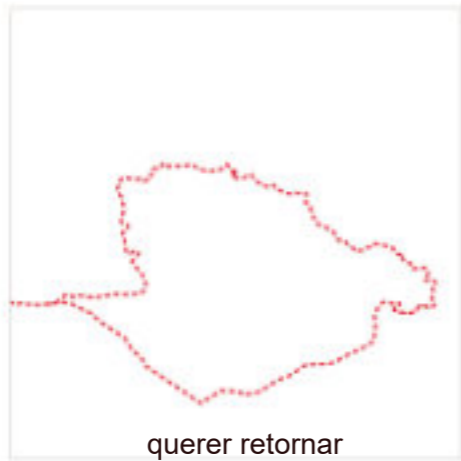
## registro dos caminhos

o desenho que se dá ao fim  
o corpo que sente cada passo  
o desenho que nos dá a dimensão  
o contexto, o resultado  
e a experiência, onde está?





em um lugar pela primeira vez



querer retornar



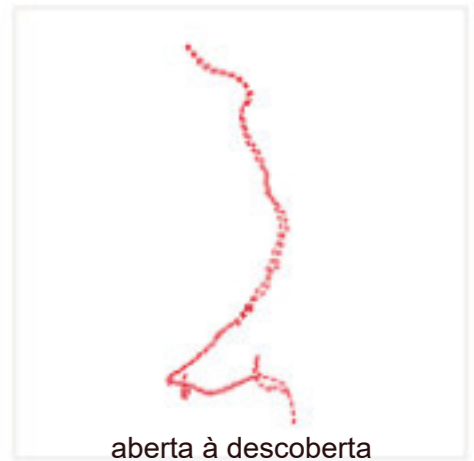
não acessar



caminhar - fotografar



em recuperação



aberta à descoberta



pelo cotidiano, extraordinário



pelo aprendizado



estar de passagem



com desconhecidos



explorar uma nova cidade a pé



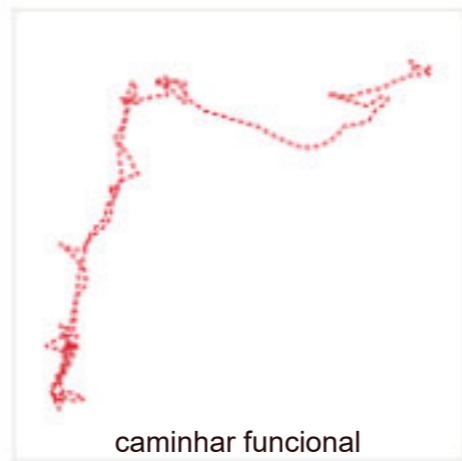
caminhos familiares, memória



familiar - estrangeiro



procurar, explorar



caminhar funcional



deambular



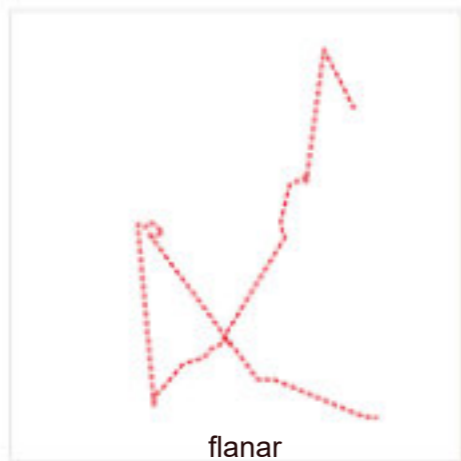
à deriva



encontrar pela primeira vez,  
caminhar junto



estar perto e não encontrar



flanar



caminhar pela fotografia



por os pés depois de muito  
imaginar



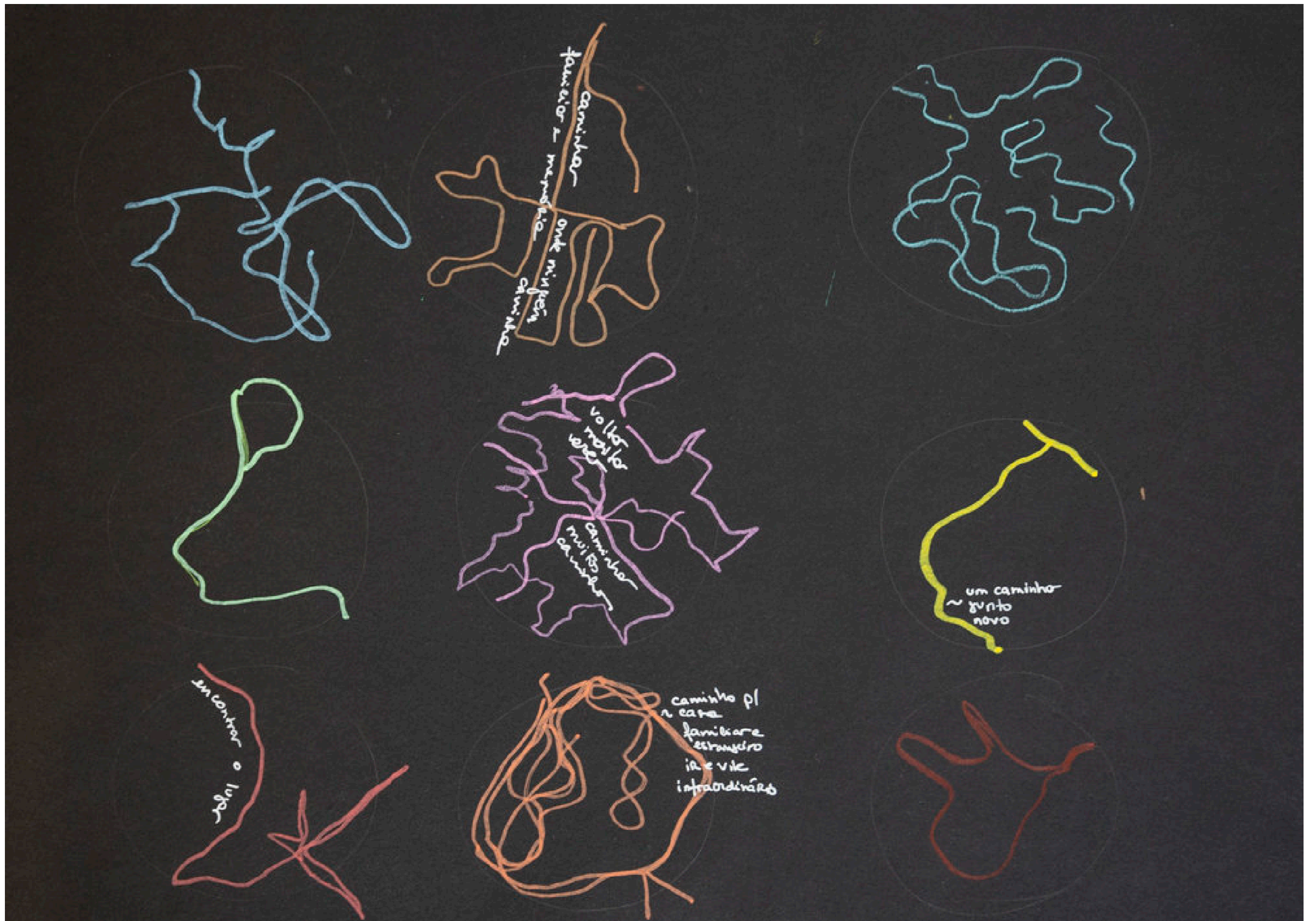
em meio as árvores



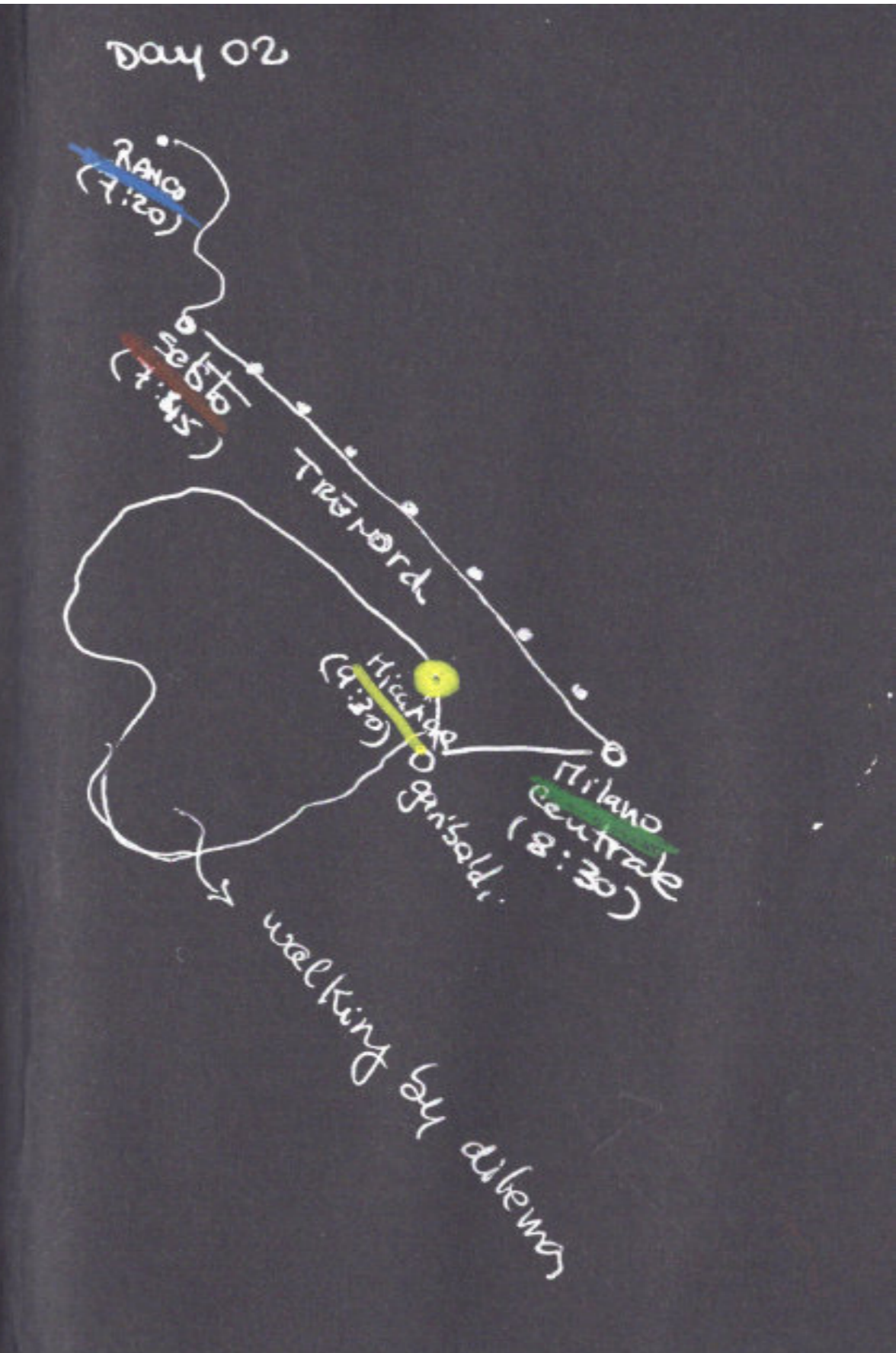
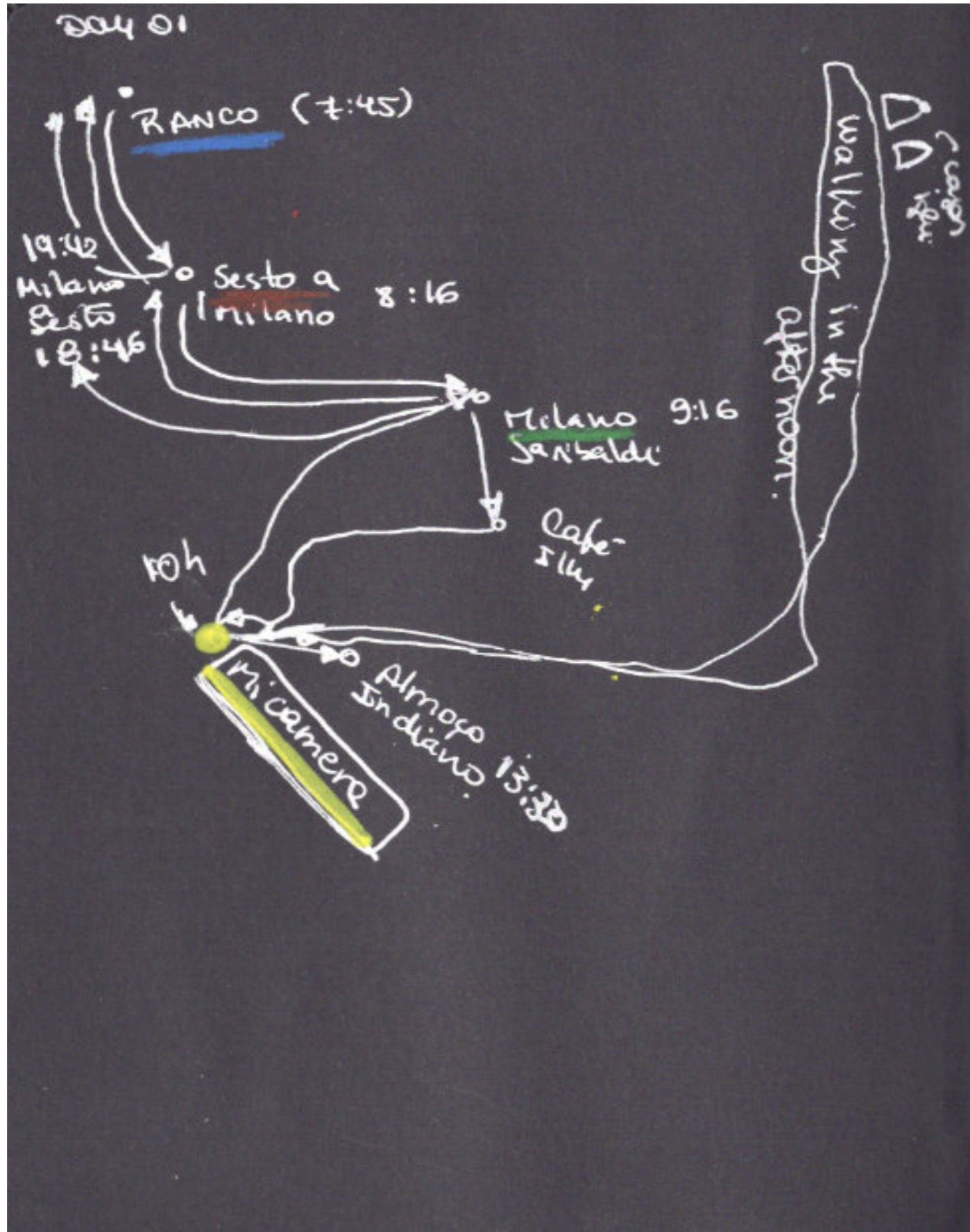
combinar o caminhar funcional  
e o curioso



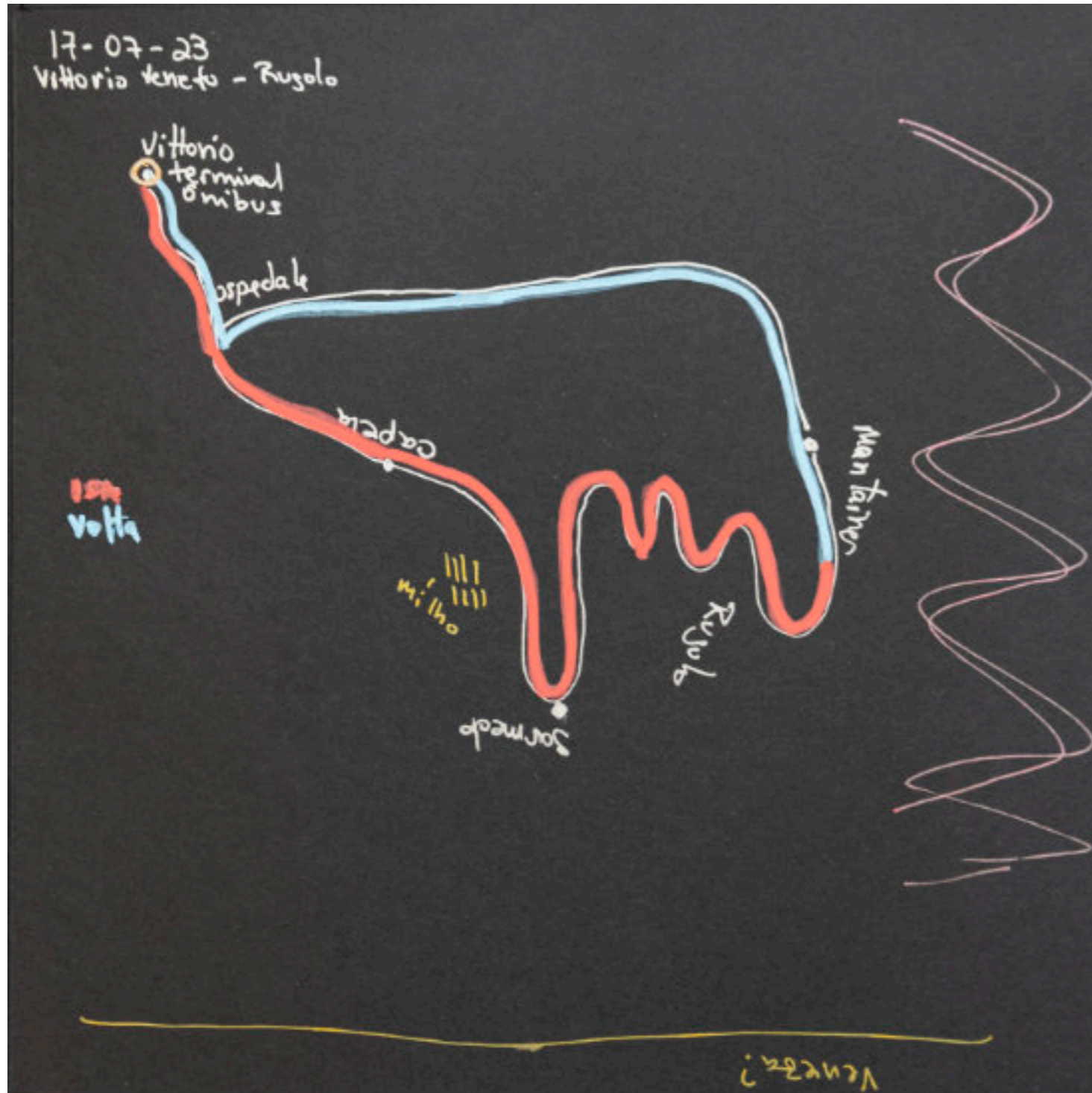
*o percurso que emerge ao fim  
o caminhar errante  
as imprecisões cartográficas*



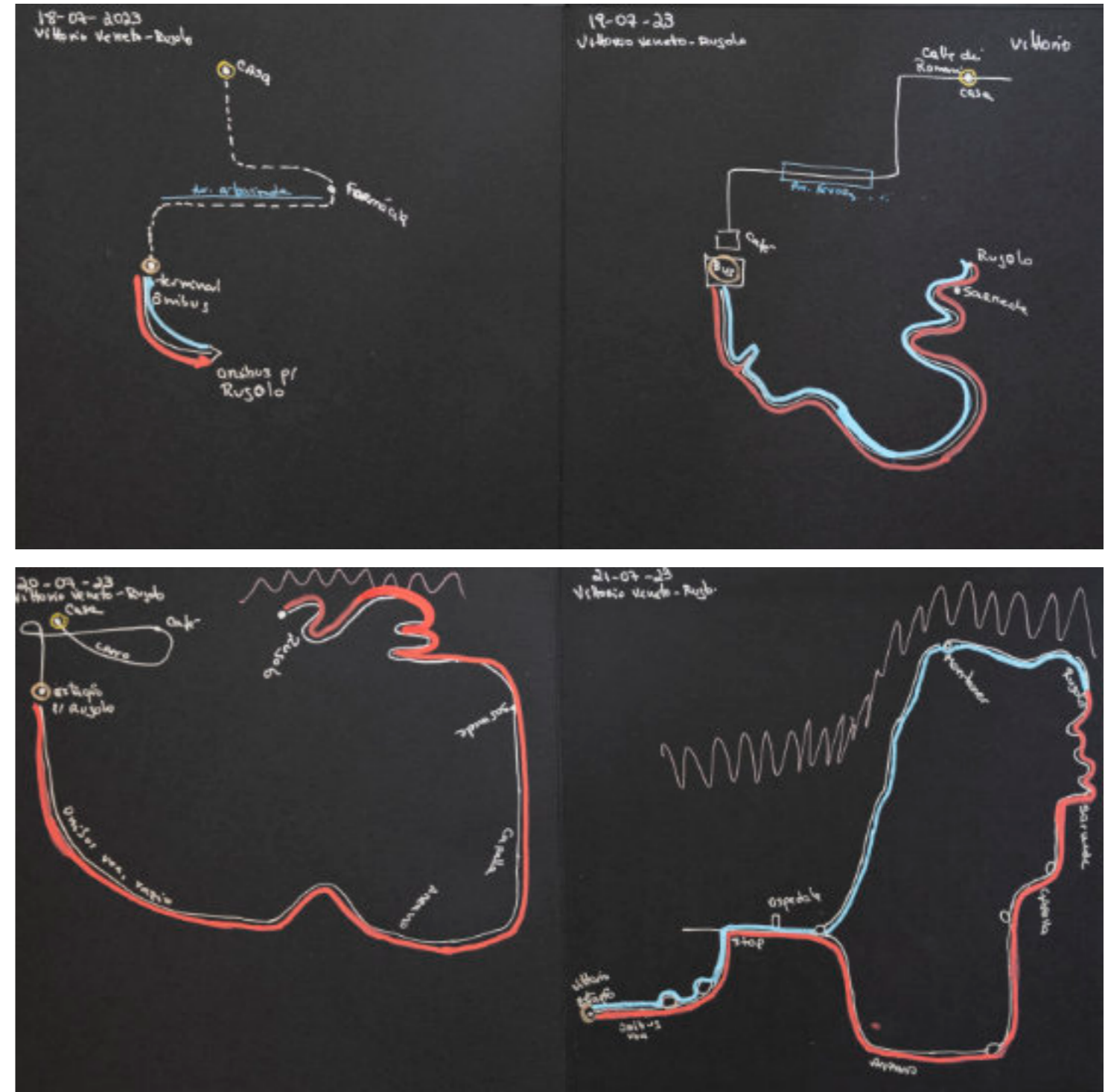
registrar o caminho e depois desenhar, desenhar, .. até resgatar a experiência?



caminhar junto pelo amor à fotografia (trajetos durante um workshop)



5 dias, o mesmo trajeto (a pé + ônibus)



diferentes percepções, registros, pontos de partida



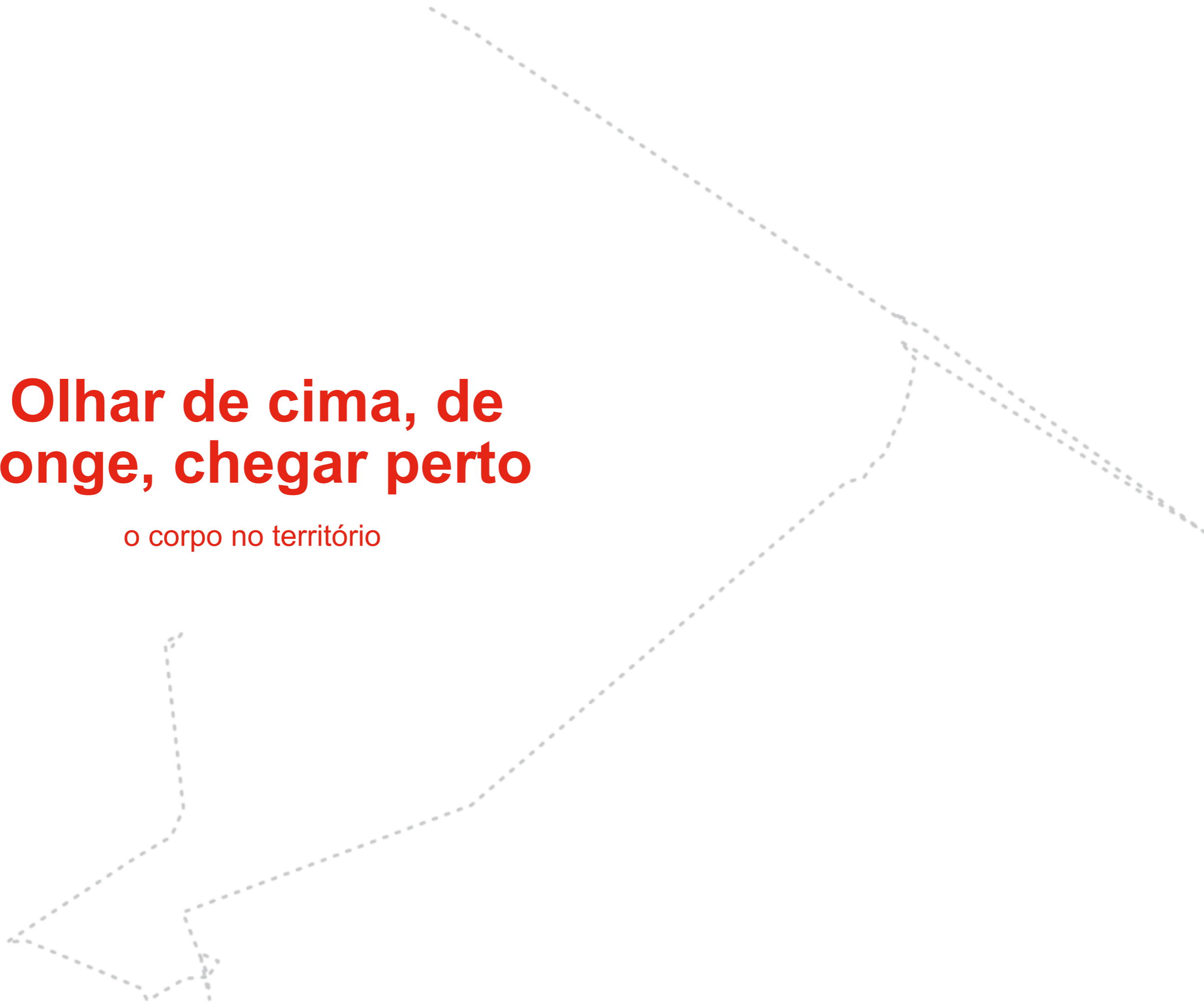
*Piracicaba, Itatitba, Indaiatuba, Itapetininga, Sorocaba, Cerquilha, Rio Claro, São Carlos, São Paulo, Vancouver, Sherbrooke, Montreal, Primavera do Leste, São Paulo, Ispra, Taino, Rancho ...*



“Os passos que um homem dá, desde o dia de seu nascimento até o de sua morte, desenham no tempo uma inconcebível figura.”  
(Jorge Luis Borges)

# Olhar de cima, de longe, chegar perto

o corpo no território





Durante a Pós-graduação, questionamentos sobre “olhar o mundo de cima” (a partir imagens de satélite, aéreas, mapas, registrar os caminhos), “olhar de longe” (de um ponto panorâmico, elevado ou também um olhar distanciado de quem apenas passa por um lugar rapidamente) e “olhar de perto” (olhar de quem caminha), estiveram presentes. Queria apenas compreender um pouco mais sobre o caminhar, sobre esse corpo que se desloca no espaço, lendo e produzindo paisagens.

Hoje em dia, mais que nunca, podemos ver muitos detalhes de um lugar antes de colocar os pés nele. Podemos ver como é o desenho de uma cidade, de seus bairros, o formato das casas, saber distâncias. Se ali passa um rio, se o terreno é montanhoso, se fica longe do mar. Se tem deserto, floresta, agricultura. Podemos ver fotografias das ruas. Ver o contexto de um lugar, onde estamos no espaço e no mundo nunca foi tão acessível. O mundo parece pequeno.

Porém, existe algo que só se concretiza na presença. Quando chegamos perto, caminhamos por um lugar, nosso corpo se afeta. Vemos de outros pontos de vista, vemos de baixo, vemos com todos os sentidos.

“O caminhante não está diante de uma paisagem, como se ela fosse um espetáculo, mas está dentro, imerso nela”  
(LE BRETON, 2022)

“Caminhar permite perceber a realidade com todos os sentidos (...). Não apenas privilegia o olhar, ao contrário do trem ou do carro, que estabelecem a distância do mundo e a passividade do corpo” (LE BRETON, 2000, p.14)

Olhar de cima, de longe, nos ajuda a ver o conjunto, traz notícias de fora, das relações. Esse olhar distanciado é um grande aliado e pode revelar muitas coisas. Porém corremos o risco de que essa distância nos faça sentir apartados, indiferentes, longe do mundo, como nos ilustra Cássio Hissa.

“o pesquisador convencional diz, contraditoriamente, que procura ver o mundo do alto. Para vê-lo melhor, sem distorções? É assim que constrói a contradição, pois é preciso estar no mundo, ser mundo, para se fazerem, dele, com ele, possíveis leituras que estejam plenas de mundos. Do alto, superior a tudo, distante de tudo, se está longe do mundo. É possível se distanciar do mundo ao ponto de nele não se perceber? É possível ver o mundo de fora, como se dele não fizéssemos parte? O mundo não nos diz, com os nossos sentidos, que dele somos parte integrante?  
(HISSA, 2019, p.43 )

Meios de transporte velozes dominam nossas ruas, estradas, céus, águas (são carros, ônibus, aviões, barcos, etc.), e com eles nosso olhar se torna distanciado, um olhar que apenas passa pelos lugares, mas o corpo está passivo, como nos diz Le Breton.

Em seu texto “Caminhadas pela cidade: Voyers ou caminhantes”, Michel de Certeau se pergunta sobre a origem desse prazer de “ver o conjunto”, desse olho totalizador que foi imaginado antes mesmo de ser materializado. E nos diz:

“Subir até o alto do World Trade Center é o mesmo que ser arrebatado até ao domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima;(…) Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores (...). Sua elevação o transfigura em voyeur. Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual se estava “possuído”. **Ela permite lê-lo, ser um Olho solar, um olhar divino** (...) Mas “embaixo” (down), a partir dos limiões onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, Wandersmänner, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de **um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo**”. (CERTEAU, 1998, p.170/171)

O texto a seguir, de Walter Benjamin, lido em aula pela professora Ângela C. Branco e depois encontrado em um artigo de MASSCHELEIN (2008, p.37), também nos fala sobre a diferença entre caminhar por uma estrada e vê-la de cima:

A força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano. Assim é também a força de um texto, uma se alguém o lê, outra se o transcreve. Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, ela se desenrola segundo as mesmas leis que o terreno em torno. Somente quem anda pela estrada experimenta algo de seu domínio e de como, daquela mesma região que, para o que voa, é apenas a planície desenrolada, ela faz sair, a seu comando, a cada uma de suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas (BENJAMIN, 1987, p.16)

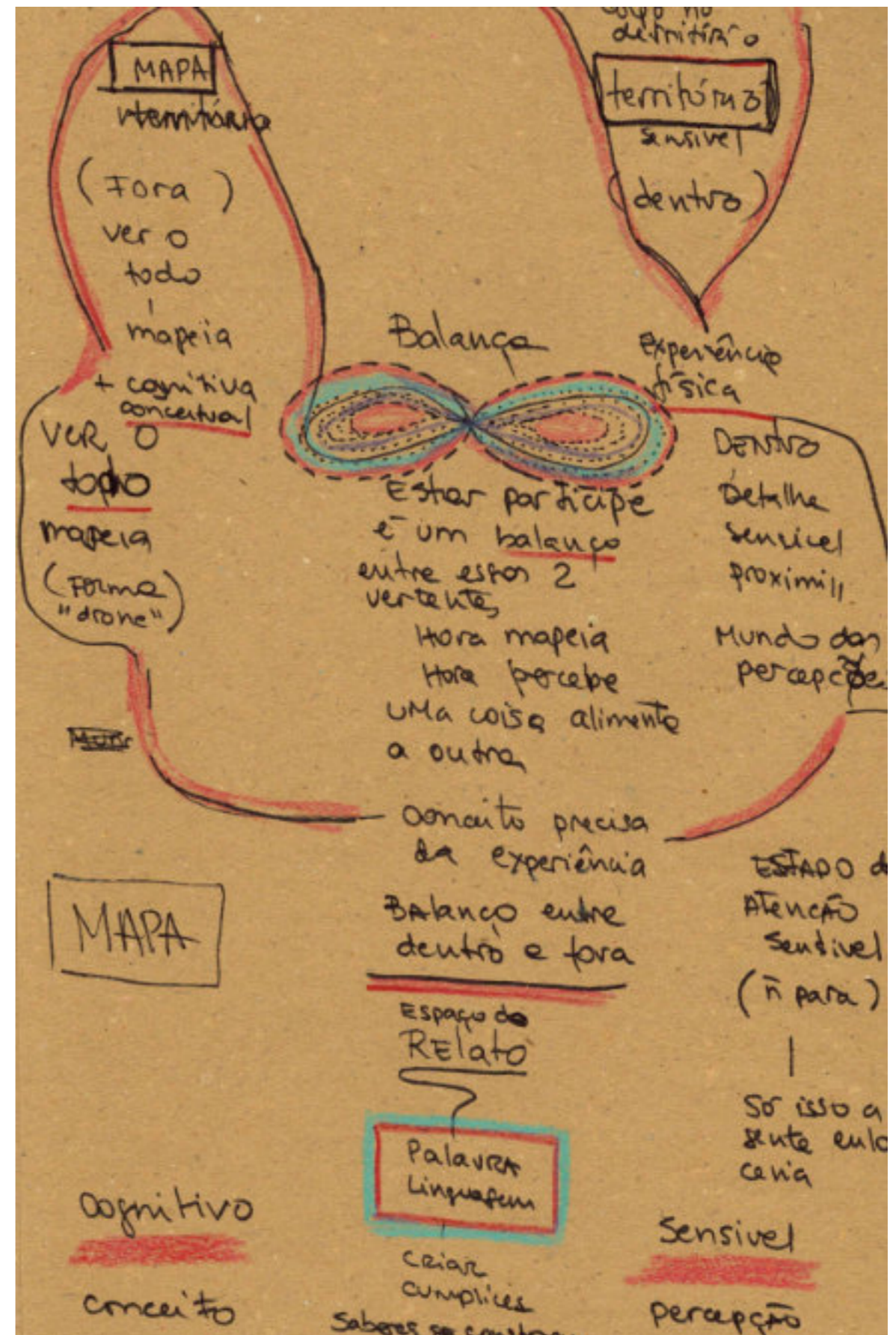
Jan Masschelein se baseia nesse texto para discutir o caminhar como essa possibilidade de deslocamento do olhar, de ex-pôr-se ao comando da estrada e que

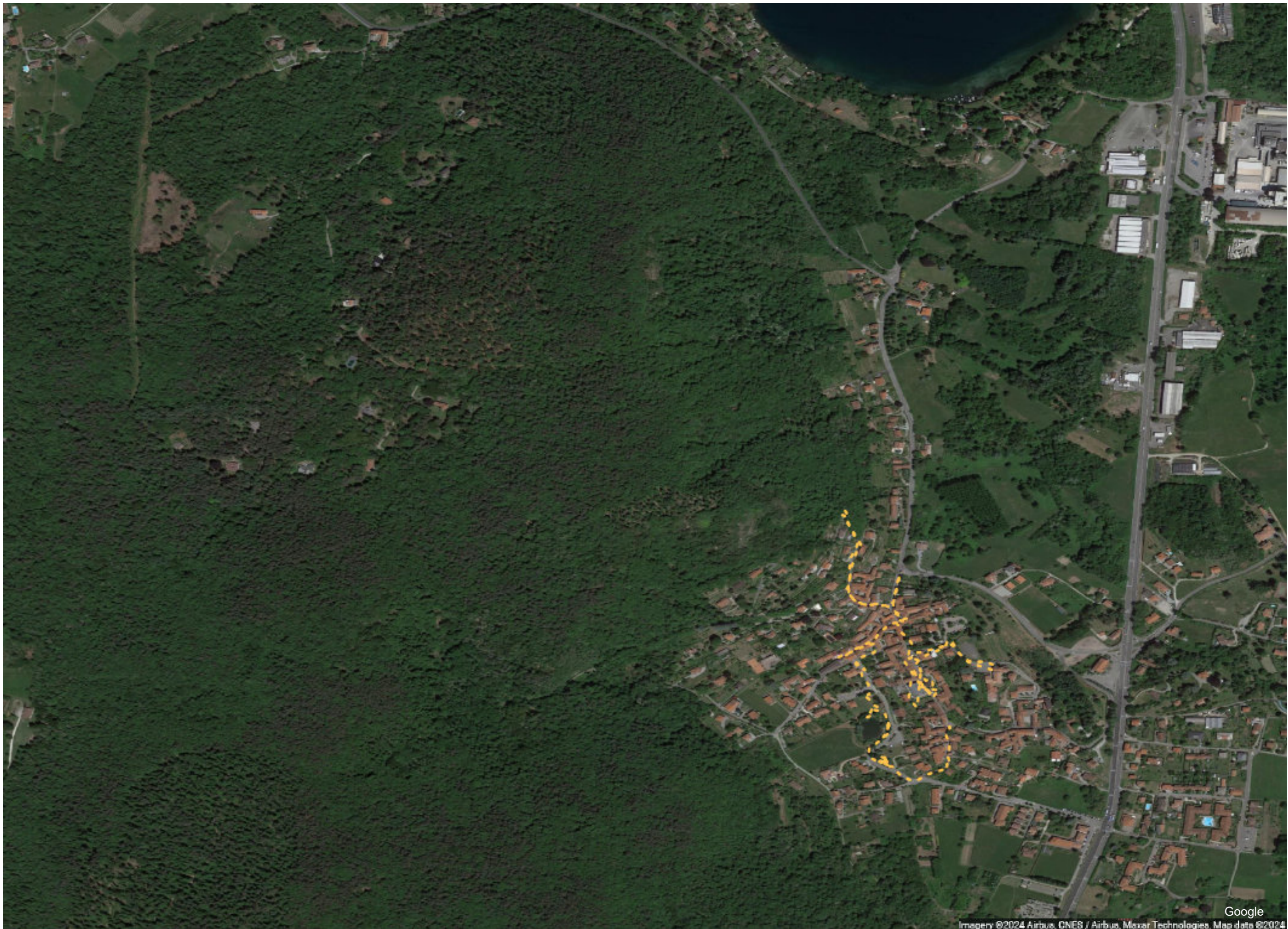
“esse comando abre um novo olhar (neue Ansichten) sobre nós mesmos, mas também revela distâncias, miradores, clareiras, panoramas” (MASSCHELEIN, 2008, p.38).

O olhar de quem caminha é o da proximidade, desse corpo em estado de presença, usando todos os sentidos. Ao mesmo tempo que, ao nos relacionarmos com o espaço, isso pode se tornar uma matéria poética, de pesquisa, de investigação. E então registramos, desenhamos, cartografamos.

DERDYK (2023, aula 04) nos fala sobre a relação entre a experiência do corpo no território, uma experiência física, sensível (o mundo das percepções), e a prática de mapear, cartografar a experiência, como esse momento em que nos afastamos, “vemos o todo”, aquilo que está se delineando, ou seja, uma experiência mais cognitiva, conceitual. E que um alimenta o outro.

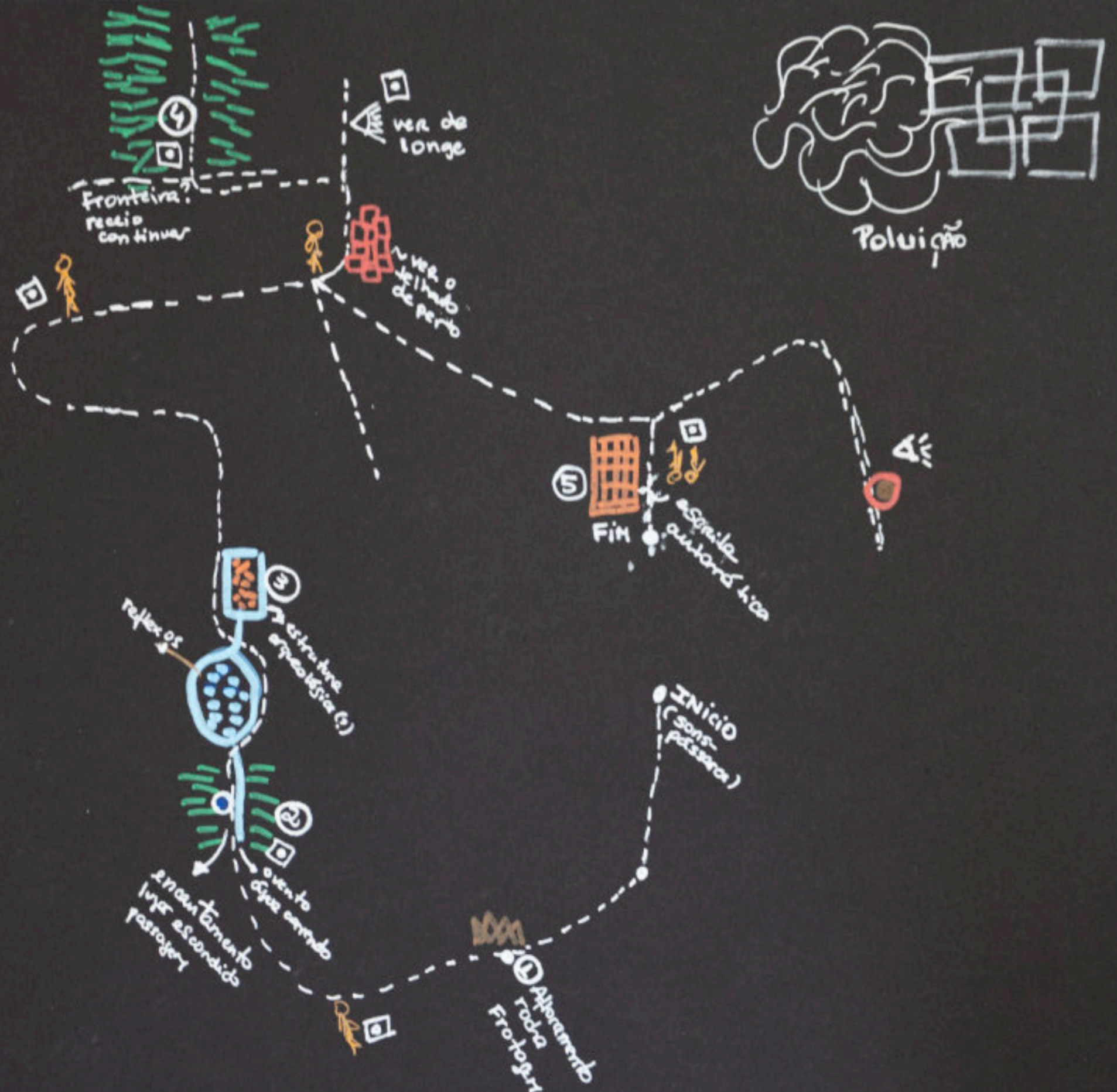
Que o distanciamento nos ajude a ver mais amplamente as conexões, as dimensões. E o “olhar de perto” nos traga presença, curiosidade, pertencimento, conexão sensível. Relendo Hissa, me pergunto: o caminhar não nos diz, com os nossos sentidos, que somos parte integrante do mundo?







- foto
- percurso
- floresta de ruínas
- café
- pequeno lago
- nascente
- área industrial
- MENIRAS
- Rocha aflorando
- pedestres
- intervenção
- vista panorâmica
- igreja
- planta aquática
- talhado















# Seguir passos

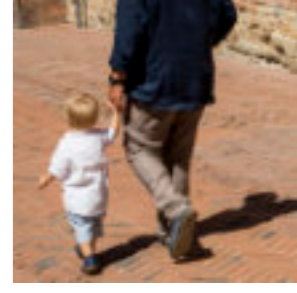
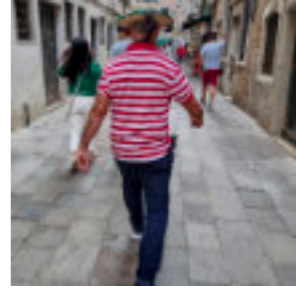
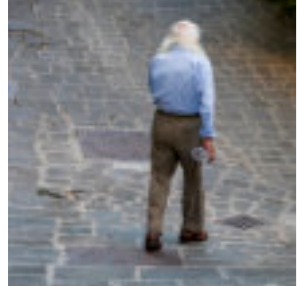
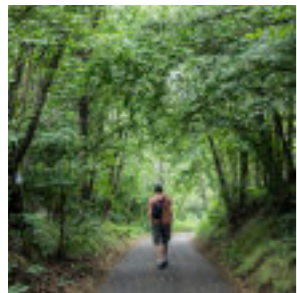
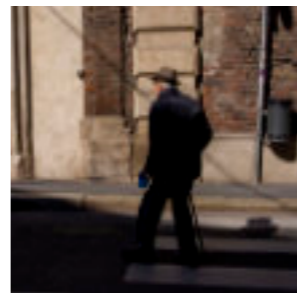
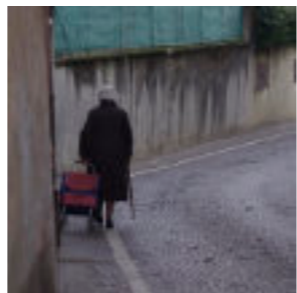
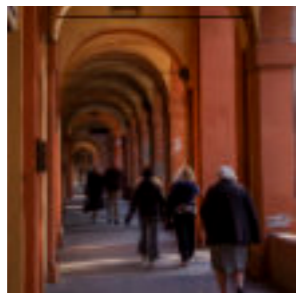
encontrar, pertencer?

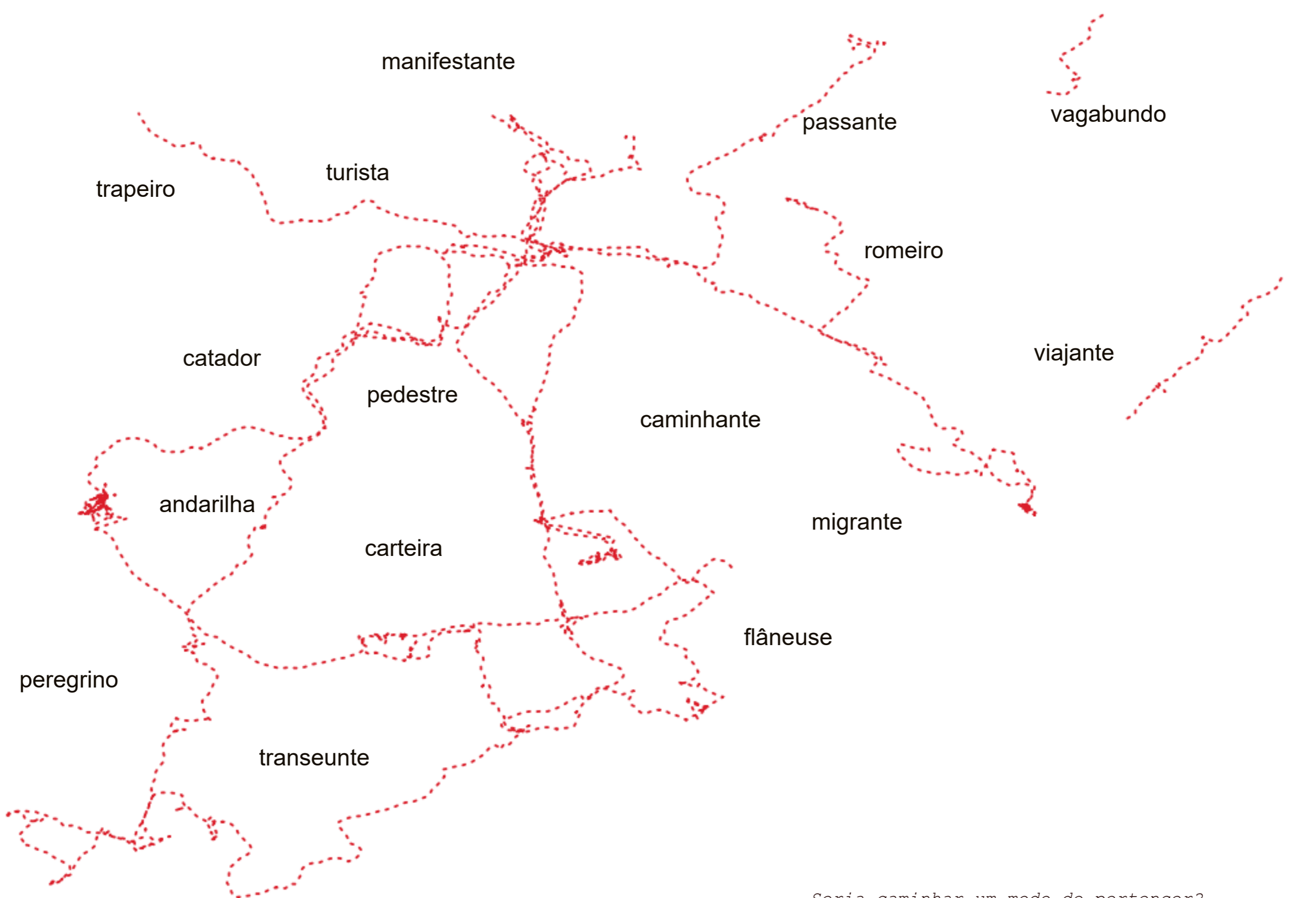


*Sigo seus passos*



“A arte de ir ao encontro de  
alguém produz conhecimento  
recíproco entre as pessoas que se  
movem em nosso novo mundo e nos  
ajuda a imaginar, com elas, uma  
outra maneira de habitá-lo”  
(CARERI, 2017, L.345)





*Seria caminhar um modo de pertencer?*







# **Caminhar com as árvores**

Imaginar futuros



“A definição de sombra é de uma relativa escuridão e frescor produzido pelo abrigo da luz direta do sol. Na maioria dos lugares da África, as árvores são a principal fonte de sombra, proporcionando abrigo não somente da luz ofuscante, mas também do calor. A possibilidade de sentar-se debaixo de uma árvore não é apenas bem-vinda: é essencial”. A sombra não é regulamentada: é acidental, cívica e geralmente gratuita. Ninguém se lembra quem plantou as árvores ou a quem elas poderiam “pertencer”. O abrigo do sol é um recurso público, um dos poucos espaços verdadeiramente democráticos que nos restam”.

(Lesley Lokko, Curadora da 18  
Mostra Internacional de  
Architettura - texto de abertura,  
tradução livre)

*As árvores nos protegem. Quem protege as árvores? As árvores nos protegem. Quem protege as árvores? As árvores nos protegem. Quem protege as árvores?*



*As árvores nos protegem. Quem protege as árvores? As árvores nos protegem. Quem protege as árvores?*

*As árvores nos protegem. Quem protege as árvores? As árvores nos protegem. Quem protege as árvores? As árvores nos protegem. Quem protege as árvores?*

Penso no caminhar como uma semente de futuro, como a possibilidade de seguirmos em direção a um futuro mais justo, mais sustentável. Representa uma maneira de nos relacionarmos melhor com a natureza da qual somos parte.

“Caminhar, para Thoreau, é como acordar, abrir os olhos, se dar conta do perigo mortal que a humanidade está indo de encontro em nome do desenvolvimento econômico, do lucro e do chamado progresso. Pode parecer surpreendente, mas há um século e meio, um filósofo de Massachusetts foi capaz de ver claramente e denunciar com força, precisamente aqueles riscos ambientais que ainda muitos, hoje em dia, são obstinados a subestimar cegamente ou mesmo ignorar” (JEVOLELLA in THOREAU - CAMMINARE, p. 11, 2009).

Ver de longe, do alto, do espaço, nos traz informações preciosas sobre nosso planeta. Uma visão de conjunto, de contexto das belezas, das imensidões, das interconexões, mas também do quanto as ações humanas impactaram e estão impactando a Terra, e como isso mudou com o tempo. Porém, me parece que à medida que essas informações foram ficando mais abundantes e difundidas, nossa sensibilização ao que vemos não corresponde à gravidade da situação. Hoje, não é por falta de informação que não agimos.

Algum tempo atrás li esta frase:

“Nossa incapacidade de abordar as questões ambientais não é uma falha de informação, mas uma falha de imaginação”<sup>(3)</sup>

E hoje a conecto com o “sujeito da informação” de Jorge LAROSSA, e faz ainda mais sentido. E penso no quanto a arte e ciência podem ser complementares e aliadas frente ao desafio de sensibilização para as questões ambientais e, também, que o caminhar pode contribuir, ampliando nossa conexão sensível com entorno, com a natureza.

(3) Teria sido dita por um professor da Universidade de British Columbia (John Robinson) para enfatizar o papel das artes nos debates sobre sustentabilidade (<https://www.theguardian.com/sustainable-business/art-sustainability-imagination-create-change>).

“A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência” (LAROSSA, 2015, p.21)

Caminhar nos coloca no tempo, no nosso tempo e em relação com outros tempos: o tempo das árvores, o das montanhas, o das águas, o dos solos, o das outras espécies. O tempo da máquina e da técnica nos afasta de nós e do mundo natural. Paramos de observar as conexões, os detalhes, os efeitos. Criamos a ilusão desse viver que é separado da natureza, que nos blinda, nos afasta desses outros tempos do qual dependemos, do qual somos parte.

Em tempos de tantas incertezas, navegaremos mais do que nunca por águas desconhecidas, trilharemos caminhos incertos. Nesse contexto, é urgente imaginar futuros possíveis alternativos às relações que até então cultivamos, e alimentar esse imaginário sobre algo que ainda não sabemos o que é, mas que não pode só ser alimentado pelo catastrofismo. Precisamos imaginar futuros longe da destruição e novas maneiras de coabitar a terra. Somos 8 bilhões, mas não estamos sozinhos.

Os desafios são muitos, tantas realidades e desigualdades, mas nunca foi tão urgente resistir, caminhar. Quem caminha sabe o valor da sombra de uma árvore num dia quente, ou o quanto é mais fresco sob a sua copa. Seja nas áreas verdes de um cidade (lugares de resistência, respiros, refúgios), sejam árvores solitárias, seja uma floresta: cada árvore conta.

Como nos lembra Stefano Mancuso:

“Nós existimos graças às plantas e podemos continuar existindo apenas na companhia delas” (MANCUSO, 2019, p.9).

Caminhar é cultivar a possibilidade de conexão ou reconexão sensível com o mundo ao redor, e, quem sabe assim, escolhermos seguir na companhia das árvores: guardiãs silenciosas do nosso futuro.



Olhar de longe  
Chegar perto  
Observar  
Escutar  
Sentir-se parte  
Imaginar  
Semear  
Proteger  
Construir junto  
Escolher cuidar



*lugares que se tornam especiais pela curiosidade,  
pelo encantamento que se revela no encontro, um  
ordinário que se torna extraordinário aos nossos  
olhos, mesmo que por um instante, e que nos faz  
parar, olhar de perto, imaginar.*



*lembrar de olhar para cima e ao longe*



## Além do fim da linha



*A moldura que já não está mais lá*

“Tempo de deixar ir o que foi, para dar lugar ao que será! Continuar seu caminhar, sua viagem pela vida e pelo desconhecido. Olhando através da janela, observa-se o tempo sem pressa, devagar, e ela admira o vento que assobia ligeiramente através das árvores que se mexem para alertar que o tempo passa, o tempo passou, mas também permanece, através das memórias guardadas e construídas” (NEZAN, 2019, p.285)



caminhei

por paisagens

textos

encontros

me senti expandindo

acuada

escolhi alguns menires

coletei

deixei alguns pesos

pisei leve

me emocionei

tanta coisa ecoou com força

entendi o percurso até aqui  
e também que a estrada é longa  
e que tudo é sempre recomeçar

as 1000 páginas do livro grafadas  
por um semi-alfabeto

a contadine que quando  
acabou seu papel, inspirada  
por uma exposição que ouviu  
na escola sobre os estudos  
enbaronem seus mortos em  
teudoi escritos a mão, resolveu  
elevar sua vida no melhor  
tencol que tinha em casa,  
e aliue em seu nome e  
do mundo <sup>am</sup> de uma vida  
que tinha partido um pop  
ento: "Trabalho e o pensamento"

o local de nascimento  
de alpeu são imortal  
Michebuz, um  
faz de a me

Sepire os pastos de  
San Francisco - minha  
primeira caminhada ao  
peno pine

o retorno até este  
momento de agora,  
onde estou, que é só  
o que tenho, vejo  
a sombra da minha  
mas que escreve,  
motivo registrar.

## Alguns livros que me acompanharam durante a Pós



# Referências

- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CALLIARI, Mauro S.P. **O pedestre e a Cidade: mobilidade e fruição em São Paulo**. São Paulo, 2019, 339 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017 (ebook).
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **Caminhadas pelas cidade**. In: A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- DIAS, Karina. **A prática do banal, uma aspiração paisagística**. 2011. p. 3771-3783. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/karina\\_dias.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/karina_dias.pdf)>.
- DIAS, K., Milward, J., Alves L., Orthof, L., Helena, I., Olivieri L., Terra T., Becker, C., Paiva, L. **Por uma geografia dos passos: a caminhada como princípio poético** [outras notas de viagem do Grupo Vaga-Mundo: Poéticas Nomades. 18 Encontro internacional de Arte, Ciência Tecnologia, 2019.
- DERDYK, Edith. **Notas de aulas**. Pós graduação Caminhada como método para Arte e Educação, 2023.
- GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: Ubu Editora, 2021 (ebook).
- HISSA, Cássio E. Viana. **ENTRENOTAS: Compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.
- LABBUCCI, Adriano. **CAMMINARE, una rivoluzione**. Roma: Donzelli editore, 2011,
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LE BRETON, David. **Il mondo a piedi. Elogio della marcia**. Milano: Feltrinelli Traveller, 2001.
- LE BRETON, David. **La vita a piedi. Una pratica della felicità**. <https://www.youtube.com/watch?v=H1MU-Xrn4Oo> (28"), 2022.
- LEIRIAS, Ana Gabriela. **Novas cartografias online, arte contemporânea e outras geografias**. Geograficidade, v.2, 2012.
- MANCUSO, Stefano. **A revolução das plantas**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- MASSCHELEIN, Jan. **E-ducando o Olhar: A necessidade de uma pedagogia pobre**. Educação e Realidade, Vol. 33; iss. 1; p. 35 - 47. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2008.
- MUSEU DEL CAMMINARE. <https://www.museodelcamminare.org/>
- NEZAN, Mônica. **Não tinha pressa ou, a pressa esteve sempre presente**. In: Perché mi piace: A vida com Elas. Org. de Maria Letícia de Oliveira Reis. 2.ed. Curitiba: Calligraphie Editora, 2019.
- SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- STEFFEN, W., Broadgate, W., Deutsch, L., Gaffney, O., & Ludwig, C. (2015). **The trajectory of the Anthropocene: The Great Acceleration**. The Anthropocene Review, 2(1), 81-98.
- THOREAU, H. D. **CAMMINARE**. Jevolella, M. (Ed.), Milano: Mandadori, 2009.
- VARDA, Agnès. **As Praias de Agnès** (Filme), 2008.